

Óbidos – Estudo Histórico-Urbano-Arquitectónico
Fase final / Estudo Aprofundado e de Síntese

Introdução

Com base na listagem das (9) **Tipologias Urbano-Arquitectónicas** de referenciação, resultantes ou decorrentes da pesquisa efectuada (levantamento de campo e de arquivo, sobre os valores urbanos e arquitectónicos do Concelho), e já apresentadas na fase anterior deste estudo (ver dossier 3/2006), foi possível definir os (20) **Temas Morfo-Tipológicos** de base para desenvolvimento do presente Estudo Aprofundado e de Síntese.

É à volta deste 20 temas, que se pretendem abrangentes e significantes, que todo o aprofundamento do estudo se desenrola. Expliquemos mais detalhadamente o âmbito e características destes vinte temas:

Eles são entendidos como constituindo-se em Elementos Estruturantes do universo urbano e arquitectónico do Concelho de Óbidos - ou seja, como “peças” de um conjunto, representando na sua totalidade, de algum modo, uma visão completa e “trabalhada” dos valores mais importantes a destacar no panorama edificado concelhio. É nesta base que foram concebidos estes “**20 temas morfo-tipológicos**”, pensados a partir da pesquisa de arquivo e do levantamento de campo.

A análise e síntese a partir deste conjunto temático deve constituir, do nosso ponto de vista, o núcleo conceptual para valorização do Património Arquitectónico e Urbanístico do Concelho, e o fundamento dos conteúdos do **Estudo Aprofundado e de Síntese que constituem este Relatório Final**.

Os temas que se apresentam apontam para a ideia de fundo, que é a de:

- valorizar apenas **uma escolha dos temas mais “fortes”** do Património Arquitectónico-Urbanístico concelhio - porque originais ou de QUALIFICADA substância material - através de uma sistemática análise COMPARATIVA, por via de texto e imagem, desenho ou fotografia;
- elaborar as **análises comparativas sem fronteiras cronológicas ou geográficas**, permitindo assim a articulação com exemplos nacionais e internacionais, antigos e modernos – o que dará clara UNIVERSALIDADE aos conteúdos patrimoniais do Concelho;

- procurar agrupar **exemplos e temas com a maior diversidade, complementaridade e abrangência**, desde o urbanismo e a arquitectura da Antiguidade, do Medieval e da Modernidade, até aos edifícios de carácter Religioso, Civil e Doméstico, passando pelos objectos isolados como pelas infra-estruturas e pelos espaços paisagísticos – acentuando deste modo a ABRANGÊNCIA E AS CONTINUIDADES temporais do valioso e precioso património construído concelhio.

Este conjunto deve fazer ressaltar as espécies construídas mais qualificadas, elaborando-se para isso um REGISTO FOTOGRÁFICO EXEMPLIFICATIVO DAS SITUAÇÕES ARQUITECTÓNICAS MAIS DESTACADAS, EM IMAGENS DE CONJUNTO / PORMENOR (com atenção a cores, texturas, desenhos, formas, espaços).

Algumas conclusões de âmbito geral

Puderam ser confirmados certos aspectos ou características do conjunto patrimonial analisado, os quais se procura aqui analisar em síntese:

1. **considerável riqueza do conjunto do património construído**, urbano e arquitectónico, concelhio, com exemplos nomeadamente nas vertentes dos universos URBANO / RURAL, ERUDITO/VERNÁCULO E TRADICIONAL / MODERNO:
 - espaço urbano e rural, nomeadamente compreendendo as tipologias de núcleos de origem medieval;
 - arquitectura erudita e vernácula, nomeadamente as referentes ao século XVIII;
 - arquitectura doméstica tradicional-histórica e moderna-contemporânea, desde as do habitat tradicional aos tipos mais recentes;

2. **destaque para conjuntos ou séries de obras edificadas em certos períodos históricos concretos**, nomeadamente DAS FASES MEDIEVAL, CLÁSSICO-BARROCA E CONTEMPORÂNEA:
 - Final da Idade Média e manuelino (Muralhas, castelo, arruamentos, edificado);
 - Fase clássica-maneirista (arquitectura religiosa, aqueduto, casas solarengas);
 - Fases do Barroco, do Joanino ao Mariano (quintas, residências, mobiliário territorial, como as “obras de massa” em chafarizes);
 - Fase moderna-contemporânea (ou “património em construção” e do futuro, no Bom Sucesso).

3. **exemplaridade a nível nacional do conjunto patrimonial construído do concelho**: A diversidade tipológica e morfológica que se encontra no conjunto do património urbano, rural, arquitectónico, construtivo e infra-estrutural concelhio, permite entender o território edificado de Óbidos, no seu conjunto, como EXEMPLIFICATIVO DA EVOLUÇÃO GERAL DA EDIFICAÇÃO NO ESPAÇO NACIONAL, NOS SEUS SUCESSIVOS TEMPOS HISTÓRICOS.

LISTAGEM DOS 20 GRANDES TEMAS MORFOLÓGICOS E TIPOLÓGICOS DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO DO CONCELHO DE ÓBIDOS

A - Tipologia Espaços Urbanos

TEMA 1 - EBUROBRITTIUM E AS CIDADES DA ROMANIZAÇÃO

TEMA 2 - ÓBIDOS E AS URBES MEDIEVAIS

TEMA 3 - ÓBIDOS E A PRAÇA CENTRAL URBANA

B – Tipologia Espaços Rurais Edificados (Aldeias e Núcleos Isolados)

TEMA 4 - LARGOS CENTRAIS DOS POVOADOS RURAIS NO CONCELHO

C - Tipologia Arquitectura Civil / Equipamentos

TEMA 4A - ESCOLAS PRIMÁRIAS DO ESTADO NOVO

D – Tipologia Arquitectura Militar / Fortificações

TEMA 5 - ÓBIDOS E O SISTEMA DE MURALHAS MEDIEVAIS

E – Tipologia Arquitectura Religiosa

TEMA 6 – ÓBIDOS, OS PÓRTICOS E A TORRE DA MATRIZ

TEMA 7 - ÓBIDOS – O ESPAÇO DAS IGREJAS QUINHENTISTAS

TEMA 8 - ÓBIDOS E AS PLANTAS CENTRADAS HEXAGONAIS

TEMA 9 - ÓBIDOS E OS ALPENDRES NA ARQUITECTURA VERNÁCULA

TEMA 10 - ÓBIDOS E OS CONVENTOS DOS CAPUCHOS

TEMA 11 - ÓBIDOS E AS SINAGOGAS

F – Tipologia Arquitectura Doméstica (vernácua e erudita)

TEMA 12 - ÓBIDOS E OS PAÇOS ACASTELADOS MANUELINOS

TEMA 13 - ÓBIDOS E OS SOLARES URBANOS DO “ESTILO CHÃO”

TEMA 14 - ÓBIDOS E A CASA RURAL DE ARQUITECTURA VERNÁCULA

TEMA 15 - ÓBIDOS E A ARQUITECTURA DO SÉCULO XX, MODERNA / CONTEMPORÂNEA

G - Tipologia Infra-Estruturas e Unidades de Paisagem

TEMA 16 - ÓBIDOS E OS AQUEDUTOS QUINHENTISTAS

TEMA 17 - ÓBIDOS, OS JARDINS E AS CASAS DE QUINTA

TEMA 18 - ÓBIDOS E A ARQUITECTURA DO FERRO / FERROVIÁRIA

H - Tipologia Arquitectura de Produção e Armazenamento, Indústria

TEMA 19 - ÓBIDOS, MOINHOS E INDÚSTRIA

I – Mobiliário, Arquitectura da Água

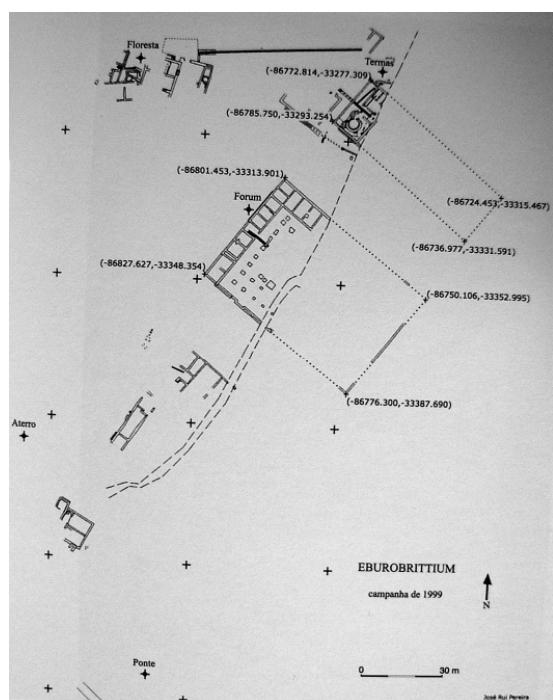
TEMA 20 - ÓBIDOS, A ARQUITECTURA DA ÁGUA E AS “OBRAS DE MASSA”

A - Tipologia Espaços Urbanos

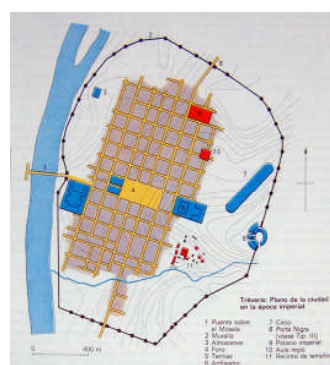
TEMA 1 - EBUROBRITTIUM E AS CIDADES DA ROMANIZAÇÃO

Tema geral: comparação dos vestígios da cidade romana de Eburobrittium com outras ruínas de cidades romanas e sua reconstituição.

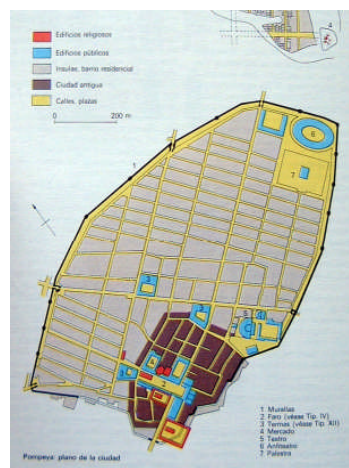
Comparação de malhas urbanas e sua orientação geográfica: a cidade colonial romana em retícula.



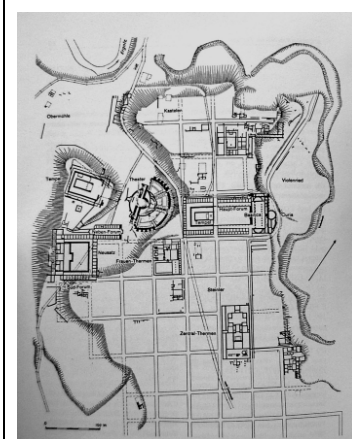
Eburobrittium (in Moreira, pág. 89, ref. p.61)



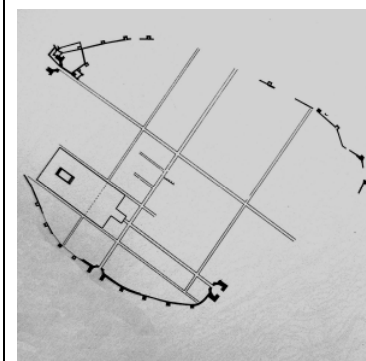
Tréveris (in Atlas 1, pág.214)



Pompeia (in Atlas 1 pág. 212)



Augusta Raunca (in Alarcão, imagem 1)



Beja (in Alarcão, imagem 3)

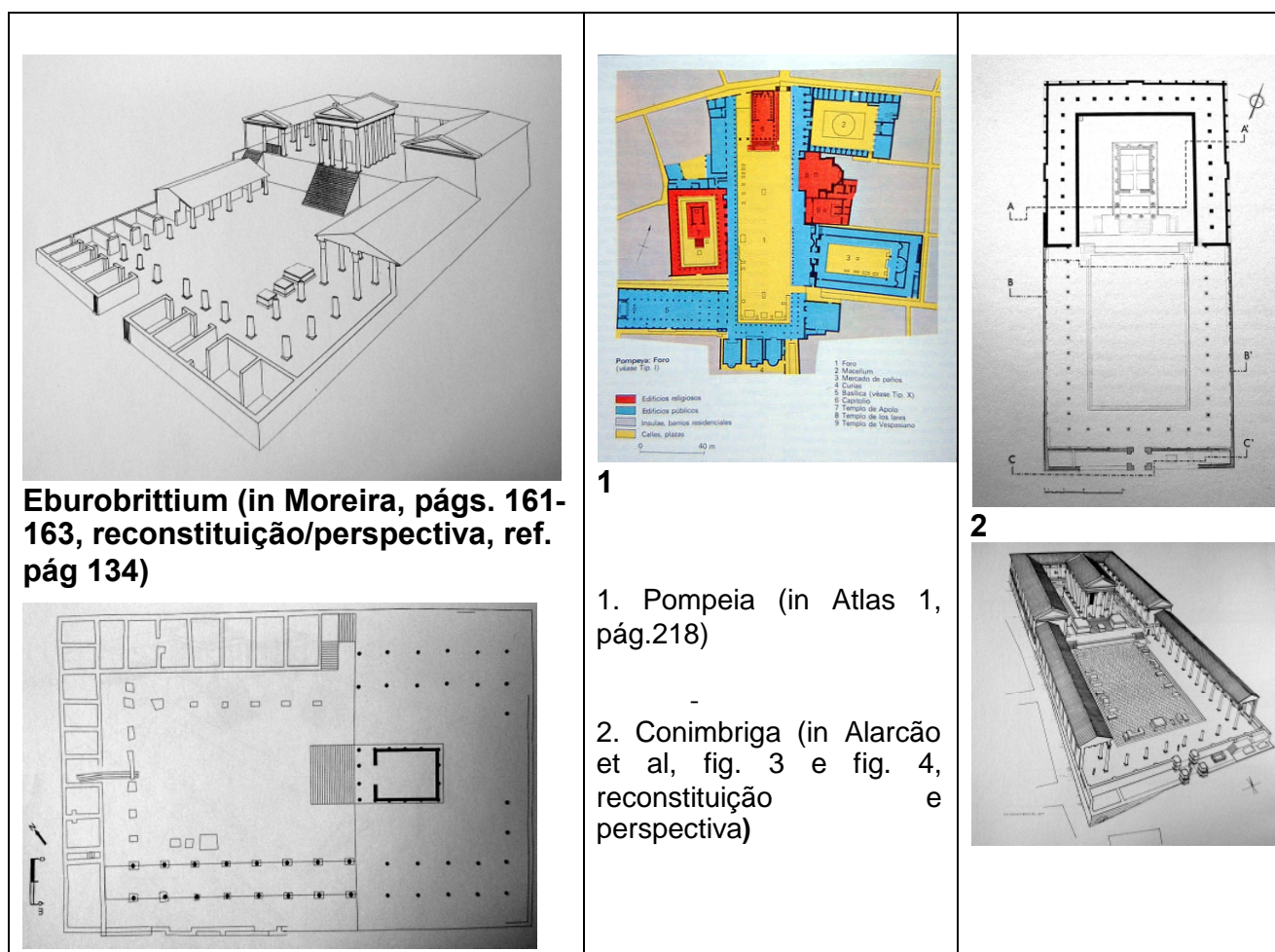
Comentário:

O tema, apesar de muito ligado ao âmbito da arqueologia (e portanto desenvolvido no estudo respectivo, paralelo a este), merece aqui as referências que relevem os principais valores urbanísticos e arquitectónicos detectados.

Embora ainda aguardando um desenvolvimento e aprofundamento das respectivas escavações arqueológicas, a descoberta da antiga urbe romana de Eburobritium no Concelho de Óbidos assinala uma importante estrutura urbana, no quadro das antigas cidades da época romana em Portugal. Destaquem-se a aparente regularidade e orientação geográfica da malha urbana posta a descoberto, comparável com as das mais características cidades do Império (Tréveris) e da península Itálica (Pompeia), bem como com alguns exemplos estudados por Jorge de Alarcão (Augusta Raunca, Beja).

As malhas urbanas de Treveris, Pompeia e Beja têm em comum a orientação de um dos sistemas de eixos principais dentro dos quadrantes de NW-SE.

Comparação da tipologia e orientação do Forum: os Forum Romanos e Imperiais

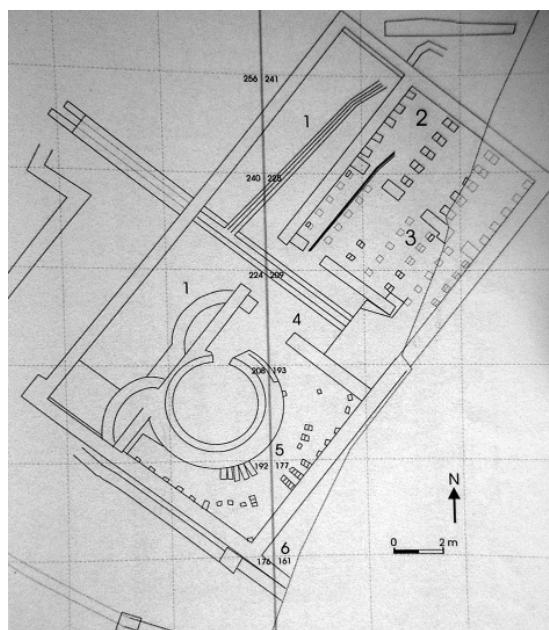
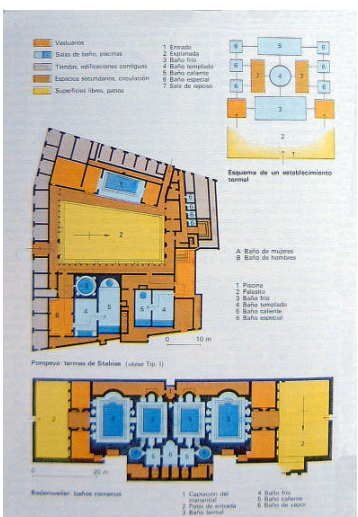
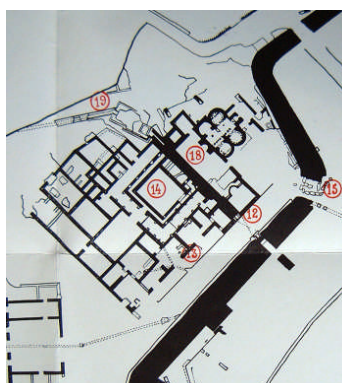
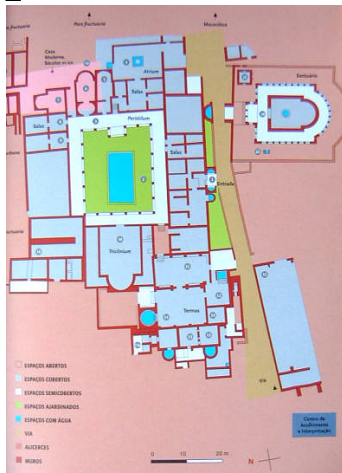


Comentário:

Como espaço central agregador das funções mais importantes da cidade, o Fórum de Eburobrittium assumia proporções rectangulares e orientava-se segundo os quadrantes geográficos correntes para estes tipos de espaços nas urbes da romanização (o seu eixo maior dentro do sector NW-SE). Tal aspecto pode ser constatado nos Fórum doutras cidades da mesma área histórico-cultural, como em Beja, Pompeia e em Conimbriga - assinalando-se igualmente a presença ordenadora e espacialmente estruturante do pórtico colunário, que articulando os espaços internos cobertos (templos, basílicas, mercados, etc) com o espaço externo aberto central, organizava todo o conjunto arquitectónico-urbano.

Igualmente se pode comparar a colocação central do templo, segundo o eixo longitudinal do Fórum, no espaço aberto, de forma isolada em relação ao pórtico envolvente, nos casos de Eburobrittium, Conimbriga, Pompeia e Augusta Raunca - sendo o caso de Conimbriga especialmente análogo em termos tipológicos e formais (tanto quanto as reconstituições permitem aferir).

Comparação de tipologias/morfologias das Termas:
elementos constituintes.

		
<p>Eborobritium (in Moreira, pág. 91, ref. pág.65)</p>	<p>1.Pompeia e Badenweiler (in Atlas 1, pág. 234)</p>	<p>2 </p>
	<p>2.Conimbriga (in Conimbriga... planta final)</p>	<p>3</p>
	<p>3.Milreu (in Milreu... pág17)</p>	

Comentário:

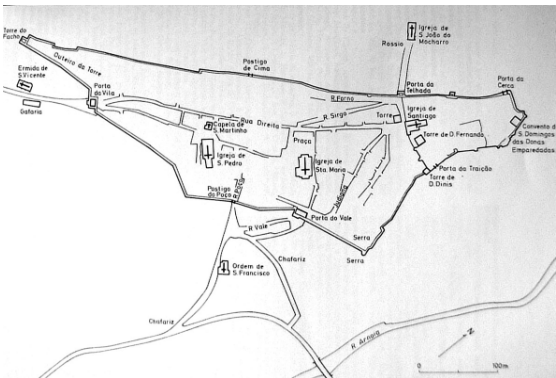
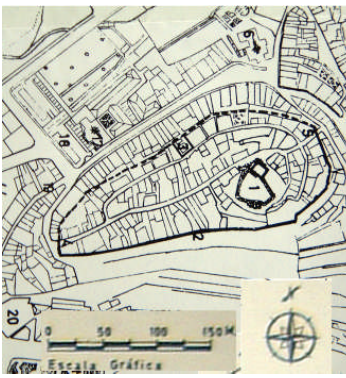
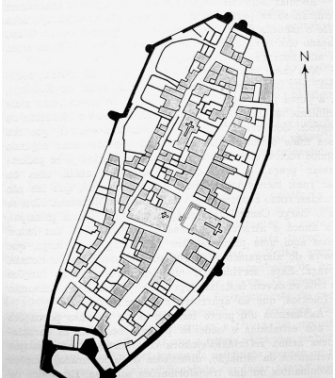

Reconhecem-se alguns elementos arquitectónicos característicos dos sistemas tipológicos e morfológicos termais da Romanização, que permitem inserir igualmente os vestígios encontrados em Eborobritium na tradição deste tipo de espaços de uso colectivo, que se constituía num dos mais vitais na vida pública destas cidades.

É reconhecível em todas as instalações de exemplificação a característica forma circular, em planta, dos tanques cilíndricos de água dos balneários, destinados aos “banhos frios”.

TEMA 2 - ÓBIDOS E AS URBES MEDIEVAIS

Tema geral: comparação de Óbidos com a morfologia geral, o desenho de muralhas e o tecido urbano de Lamego e de Monsaraz, e de outras cidades internacionais da Idade Média.

Comparação da morfologia geral, forma das muralhas, dimensão/orientação (a característica “planta fusiforme” ou de disposição alongada, medieva; núcleos intramuros com cerca de 300 a 400 metros de extensão e duas portas principais; estrutura interna assente num “cordão central”, “directo”, ligando os largos e as 2 portas principais).

 <p>Mapa de Óbidos (in Atlas das Cidades Medievais..., pág.63, mapa de reconstituição)</p>	 <p>Lamego (in Guia de Portugal / Trás Os Montes, mapa da pág.641)</p>	 <p>Monsaraz (in Gaspar, pág.210)</p>
<p>Postal Aerocolor, vista aérea</p> 		

Comentário:

Independentemente de eventuais vestígios da época romana que possam vir a confirmar (ou não) a existência de ocupação urbana ou proto urbana

nessa fase, na área da actual vila, é a imagem medieval desta que impera e caracteriza de modo muito forte e expressivo a sua urbanização.

Trata-se de uma das mais belas e exemplares instalações tardo-medievais existentes em Portugal, quer pelo equilíbrio entre o relevo da colina e as formas urbanas (torres e muralhas, ruas e largos, edifícios correntes e monumentos), quer pela extensão atingida pelo seu conjunto, e a sábia disposição alcandorada, virada aos quadrantes de sul e de nascente, e com as portas a poente (por vezes chamadas de “Portas do Sol”).

A planta do conjunto urbano assume a habitual disposição “fusiforme” em planta, alongada, típica das urbes medievais que se implantam sobre colinas, com o núcleo acastelado no seu ponto mais alto, e as duas portas principais nos extremos, ou pelo menos (como sucede em Óbidos) nos lados opostos do arruamento principal, a “rua direita” (directa) que estrutura e atravessa toda a povoação.

Como em Lamego ou em Monsaraz, a planta alongada define-se pela muralha circundante, e pelas portas de entrada, que conduzem à rua principal ou “directa” – embora o chamado Bairro do Castelo de Lamego apresente duas portas nos extremos, enquanto Monsaraz apenas uma. Nestes vários exemplos, a estrutura urbana “abre” para os quadrantes de sul e nascente, fechando-se mais para os de norte e poente, o que traduz as condições climáticas comuns da região portuguesa.

A dimensão dos núcleos intramuros, que atinge habitualmente entre 300 a 400 metros de extensão, é em Óbidos muito superior, o que configura um núcleo que, ao contrário de Lamego ou Monsaraz, terá sofrido ampliações várias ao longo dos tempos.

Neste sentido, apresenta-se aqui, com base nos outros estudos efectuados sobre Óbidos e nos estudos desta equipa, uma sugestão do possível processo de evolução do tecido urbano da vila de Óbidos:

I – núcleo da Alcáçova, c/ I Santiago e duas portas, de Santiago e da Cerca (sec. X)

II – Almedina / núcleo da Judiaria, primeiro extra muros (sec. XI-XII, c/ S Maria mesquita islâmica), com duas portas, do Vale/Sra da Graça (a nascente) e da Telhada (com ligação ao Mocharro?) e postigo de Cima ou do Jogo da Bola (a poente)

III – núcleo de São Pedro (sécs. XIII-XIV), duas portas (postigo de Baixo/ do Poço/ lg. da Misericórdia / lg. do Arrabalde e a porta da Vila) e gafaria fora de portas (S. Vicente / S. João Batista)

II/III – núcleo exterior, do Arrabalde (com i.franciscana periférica, e poço)
(inicialmente ermida N.S. Monserrate, depois da Ordem Terceira S. Francisco)
(sec. XIV)

Construção das novas muralhas de conjunto, fernandinas (sec. XIV),
englobando todos os núcleos menos o Arrabalde

IV- núcleo interno de articulação S.Pedro / antiga Judiaria, sec XV-XVI,
centrado na Praça de Santa Maria e envolvente (com as funções principais:
casas nobres, Câmara e Cadeia, Matriz, e Misericórdia/ Hospital)



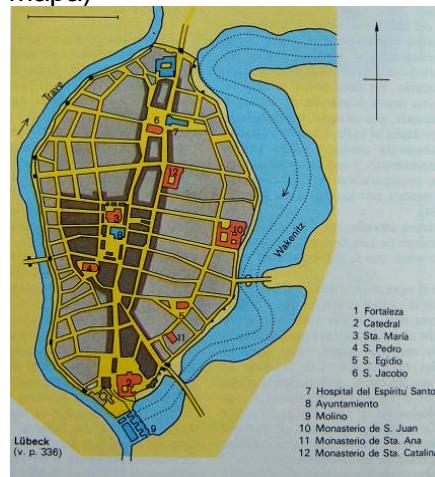
Vista geral, de 1999

Imagem Geral de Óbidos (in Baltazar..pág.94)



Lamego, vista geral do Bairro do Castelo

Lubeck (in Atlas 2, pág.332, mapa)



Entendida assim, com várias fases de expansão ou crescimento, já podemos detectar em Óbidos sub-núcleos com os referidos 300-400 metros de extensão (ex.: o de São Pedro; o da Almedina-Judiaria).

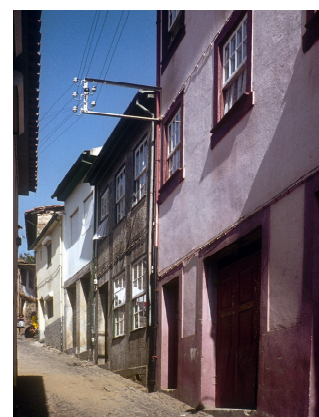
Análise comparativa da estrutura interna do seu tecido urbano: as Ruas Direitas, e as Ruas paralelas (em Óbidos, a rua de Cima, a rua de Baixo ou do Hospital, a rua Nova ou da Judiaria, e as travessas); os Largos (em Óbidos, o largo de Santiago, de São Pedro, do Hospital) e suas relações com as portas e postigos das muralhas. Presença do Castelejo ou fortificação num dos extremos ou no ponto mais alto; implantação da praça central a meio da rua direita, com igreja principal e município; outras praças com outras igrejas; localização dos conventos nas periferias; significado original da Misericórdia no espaço urbano em Portugal.



Óbidos, vistas da Rua Direita



Lamego, vistas da rua principal do Bairro do Castelo



Monsaraz, rua principal vista do Castelo (in Arquitectura Popular...pág.215)

Comentário:

A Rua Direita de Óbidos assemelha-se na generalidade às dos vários núcleos muralhados medievos com os quais a temos comparado. Constituindo-se no cordão estruturante, no sentido longitudinal, do seu sistema urbano, esta rua direita desenvolve-se de seguida, nos vários núcleos (de Óbidos, Lamego e Monsaraz, e também Lubeck), por outras vias, secundárias, paralelas, e por pequenas transversais, perpendiculares. No caso de Óbidos, a sua maior complexidade urbana permite detectar diversas vias paralelas ou sequenciais (rua de Cima, rua de Baixo / Hospital, rua da Judiaria).

Em Óbidos, como noutros núcleos seguindo este tipo de urbanismo, um sistema de largos está também habitualmente associado aos elementos mais marcantes da área edificada intramuros - largos de Santiago (fronteiro ao Castelejo), de São Pedro frente à igreja homónima e à Câmara), e do Hospital (junto à Misericórdia, lugar cívico por excelência no tempo medieval) – articulando as ruas mais importantes com os monumentos principais do povoado.

Por sua vez estes largos estão directamente associados às portas e postigos abertos na muralha, definindo acessos e correlativamente os seus espaços mais bem defendidos.

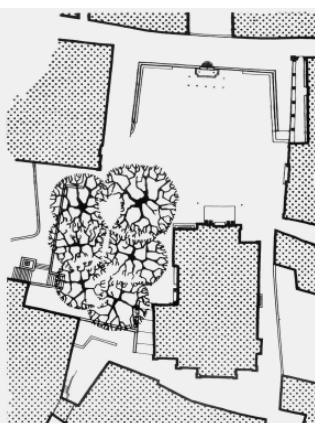
No exterior, sempre próximo do sistema muralhado e dos seus acessos e portas, edificavam-se os conventos ou mosteiros do bairro do(s) arrabalde(s).

Finalmente, o largo central, funcional e hierarquicamente mais importante, assumia a designação de Praça, com a sua forma geral o mais regular possível - sendo em Óbidos o lugar da implantação de importantes solares, do abastecimento da água, do assento da Casa de Câmara e Cadeia, e ainda com a implantação da Matriz de Santa Maria no seu eixo.

TEMA 3 - ÓBIDOS E A PRAÇA CENTRAL URBANA

Caracterização das Praças Centrais dos núcleos urbanos medievos, que constituem conjuntos com mobiliário próprio (o Pelourinho, significando o poder municipal, o Chafariz, significando o abastecimento de água à colectividade) e equipamento característico (mercado/telheiro, igreja matriz, e/ou na proximidade, Câmara e Cadeia, Misericórdia e Hospital), e traduzem planos urbanos de regularização, mediante a execução de plataformas, rampas, desníveis e muros de suporte.

Comparação da Praça de St^a Maria com praças de outros núcleos (aspectos espaciais – a forma da praça; e funcionais, as actividades incluídas na praça)

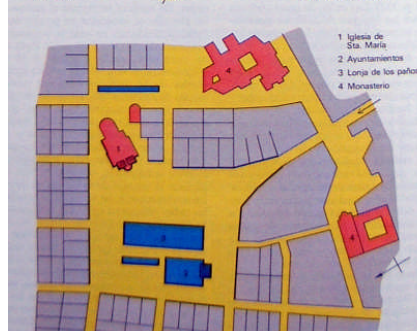
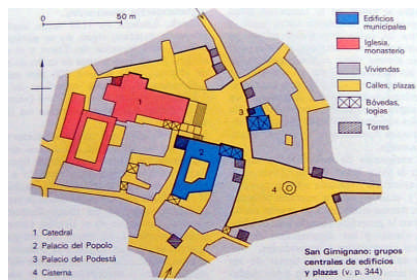


Largo das Janelas Verdes, Lisboa (in Monumentos. V/3, imagem XIV)



Praça

de Santa Maria em Óbidos (in Arquitectura Popular págs.38-39)



Praças de San Gimignano e de Krakau (in Atlas 2, pág.338, com igreja, mercado e município)



Praça de Santa Maria



Largo em São Luís do Maranhão, Brasil (1986)

Comentário:

A Praça Central das urbes medievo-renascentistas foi-se tornando gradualmente mais importante, porque definidora de um poder municipal mais forte e sedimentado. Daí a convergência das funções religiosas (catedral ou matriz) e cívicas (câmara e/ou palácio) neste espaço urbano privilegiado, representativo da vontade da comunidade da povoação onde se insere.

Orgânica e de forma irregular na sua génese (veja-se os exemplos de São Gimignano ou Cracóvia), a praça central tende nesta época, em paralelo à sua evolução funcional, a tornar-se mais regular e geométrica.

A forma aproximadamente rectangular, ou mesmo quadrangular, da Praça de Óbidos, se considerarmos a relação entre os elementos do sistema Pelourinho / Matriz e Chafariz, denuncia um esforço de regularização, posterior à sua fábrica – pois na realidade esta “praça” foi na fase inicial assaz irregular (e desnivelada), se englobarmos a articulação com os vizinhos espaços e edifícios da Câmara e da Misericórdia.

Um dos aspectos mais interessantes e específicos da Praça de Santa Maria em Óbidos é a sua valorização formal e espacial em função do chafariz (obras de regularização em 1501, documentadas em 1519 e 1536; chegada da água ao chafariz, em 1573: cf. Câmara, pág.46). Através de um sistema de muros e rampas, o troço fronteiro da rua Direita

pôde assumir e resolver o forte desnível com o espaço central da praça. No plano vertical resultante, o chafariz desenha-se com peça de mobiliário de feição e desenho classicizante, virado à fachada da igreja de Santa Maria (esta também entretanto nobilitada com um desenho clássico). O chafariz abre sobre a superfície de nível que constitui o espaço central da praça. As duas rampas desenvolvem-se lateral e simetricamente, enquadrando os corpos edificados dos dois solares adjacentes.

As analogias a estabelecer são com espaços de praças ou de largos urbanos, que enquadram chafarizes de desenho clássico, através de idênticos sistemas rampeados - como sucede no largo da Janelas Verdes (Lisboa) e no largo do chafariz de São Luís do Maranhão (Brasil).

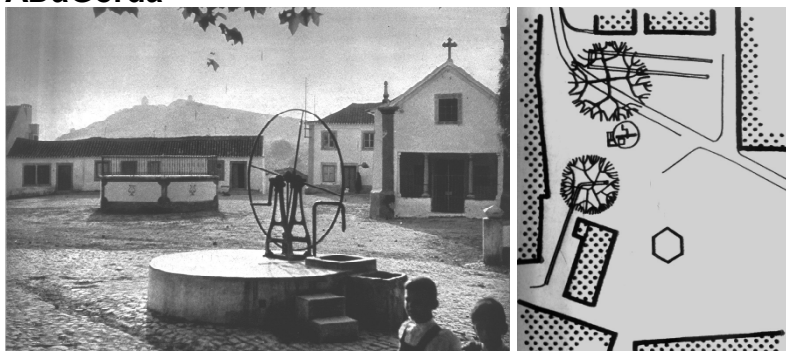
B – Tipologia Espaços Rurais Edificados

TEMA 4 - LARGOS CENTRAIS DOS POVOADOS RURAIS NO CONCELHO

Comparação dos espaços centrais da aldeia de A da Gorda com outras aldeias da Estremadura portuguesa: Presença do Adro, do Coreto, do Poço (expressão vernácula das construções, da igreja ou capela central e edifícios envolventes, com uso da cal, da telha, da pedra).

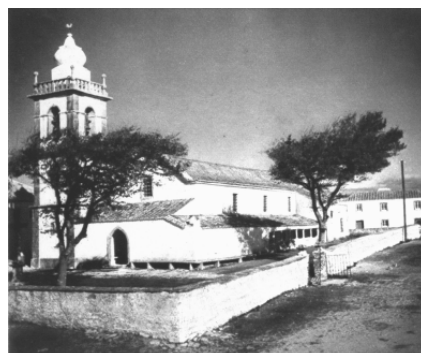


ADaGorda



ADaGorda (in Arquitectura Popular.. .pág.37)

Olho Marinho



S. João das Lampas (in Arquitectura Popular.... pág.110)



Assafora (in Arquitectura Popular..., pág.111)

Comentário:

Do mesmo modo que nas vilas e espaços mais urbanos da fase medievo-renascentista, também nas aldeias da região estremenha os espaços públicos agregadores mais significativos correspondem a um largo central, que agrupa ou reúne os elementos funcionais mais importantes do povoado.

No caso da aldeia de A da Gorda, o conjunto do seu espaço edificado, com características proto-urbanas, apresenta uma área central que, com forma irregular e sentido orgânico, assume uma expressão claramente vernácula, idêntica ou comparável às de outras áreas afins desta região. Este espaço de largo inclui a igreja, de duas águas telhada e com pequeno pórtico ou galilé incorporada na fachada - fronteira à a qual se edificaram o coreto (para representações festivas) e o poço (significando a importância do abastecimento de água ao povoado). Os materiais exprimem as características da região, com o branco dominante (nas paredes espessas caiadas), as coberturas de telha, as molduras dos vãos em pedra calcária.

Como em A Da Gorda, podemos analisar os largos das igrejas de São João das Lampas e da Assafora (na chamada “Região Saloia”, uma sub-zona dentro da Estremadura), onde características análogas são patentes.

Divergem apenas os pórticos das duas igrejinhas (salientes da construção), e os muros do adro de São João das Lampas, que aqui delimita com firmeza a área adstrita ao templo.

C - Tipologia Arquitectura Civil / Equipamentos

TEMA 4 A - Escolas Primárias do Estado Novo



Gaeiras



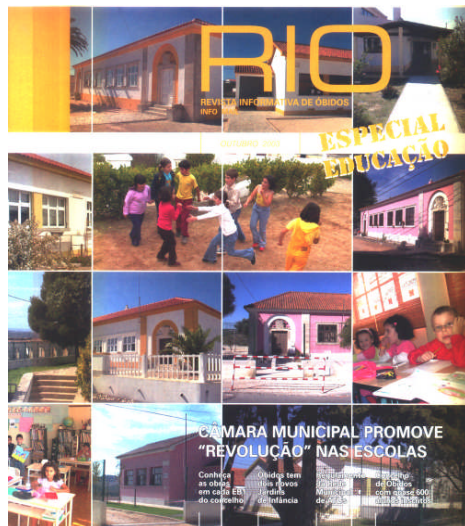
Sobral da Lagoa



Usseira e Arrabalde de Óbidos



Escola em São Teotónio, Odemira



Capa da revista RIO, 10/03

Comentário:

O tema das escolas primárias edificadas no concelho de Óbidos permite uma abordagem com interesse, dada a variedade e quantidade de construções existentes características da chamada “Arquitectura do Estado Novo”, dos anos 1950-60, edificadas nas várias das aldeias do concelho. Não são porém edifícios de desenho especialmente notável, pelo que nos parece constituir este um tema relativamente complementar aos temas principais, que merecem outro e maior destaque.

Não queremos de qualquer modo deixar de referir e de enquadrar alguns exemplos, escolhidos dentre os mais relevantes: são eles os das escolas das Gaeiras, de Sobral da Lagoa e da Usseira, no que se refere às aldeias; e do Arrabalde de Óbidos, no que concerne à vila.

Nos três primeiros casos, configura-se o modelo das escolas primárias de tipologia mais elementar, que foram edificadas por todas as regiões portuguesas, seguindo genericamente o padrão simbólico da “casa de aldeia”: com um piso, ampla cobertura em telha com beiral, caiação das fachadas, porta principal moldurada por arco redondo de feição neo-tradicional, janelas de proporções aquadradas, e ainda elementos figurativos embutidos no portal.

Podemos comparar estes exemplos com inúmeros casos de escolas rurais, por todo o país (como a da freguesia de São Teotónio em Odemira, aqui seleccionado), cuja génese está no chamado “Plano dos Centenários” para as novas escolas (iniciado em 1940), e que foram depois evoluindo com sucessivas variantes aos modelos iniciais. Devem corresponder a esta fase os exemplos do concelho de Óbidos.

Quanto ao exemplo do Arrabalde da Vila, constitui um exemplo mais elaborado do que as já mencionadas - com um programa mais complexo (dois pisos), e sobretudo, com um desenho que moderniza o modelo arquitectónico do padrão original.

No quadro da arquitectura civil, ou de equipamento, que cabe neste capítulo, poderíamos ainda referir o tema da “Casa de Câmara e Cadeia”, bem como o tema da “Misericórdia e Hospital”, como tipologias características das urbes medievo-renascentistas portuguesas. Infelizmente, os exemplos respectivos existentes em Óbidos estão descaracterizados, ou sofreram profundas alterações de espaço e forma, tornando difícil a comparação tipológica e/ou morfológica com outros casos dentro do país.

D – Tipologia Arquitectura Militar / Fortificações

TEMA 5 - ÓBIDOS E O SISTEMA DE MURALHAS MEDIEVAIS

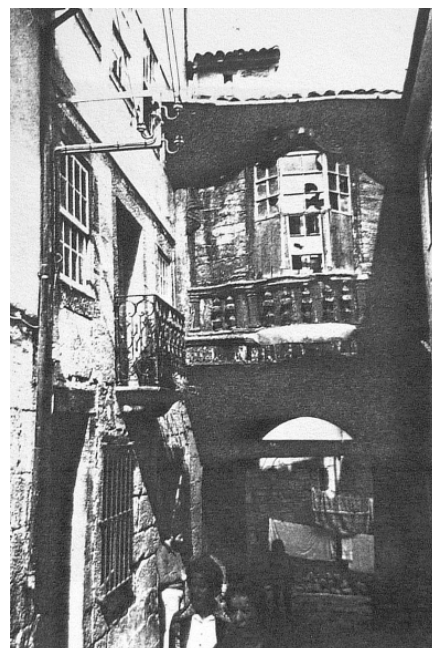
Comparação de Óbidos com Monsaraz, Lamego, Lubeck e outras (ver desenhos e plantas das urbes no tema 2). Sistematização das várias portas e postigos existentes em Óbidos



Óbidos - Porta da Graça



Porta da Vila



Porta dos Figs, ou do Norte, Lamego, com oratório sobre o arco (in Lamego...)

Muralhas de Lamego



Comentário:

O sistema de muralhas e torres medievais de Óbidos segue o modelo genérico deste tipo defensivo, com a alternância entre os panos de muralha ameados, em longas superfícies verticais, e as torres e torreões de volumetria prismática, e planta sensivelmente quadrangular.

Como é visível nas imagens expostas no Tema 2, este sistema ocorre por exemplo em Lamego (Bairro do Castelo) e em Monsaraz, havendo pontualmente a assinalar a presença de torres do tipo da fase Manuelina, com volumetria semi-cilíndrica (no caso do castelejo de Óbidos, actual recinto da Pousada, e das portas de Monsaraz).

Para além destas estruturas de defesa, devem mencionar-se as diversas soluções de espaços públicos resultantes da série de panos de muralha e suas torres – pátios fechados, esplanadas semi-abertas, pequenos largos. No caso de Óbidos, é especialmente interessante a série de espaços abertos confinantes com a área do Castelo, recentemente recuperados aliás para novas funções, de espectáculos, de lazer, passeio, etc.

Porém o traço arquitectónico-decorativo mais original das muralhas de Óbidos prende-se com a incrustação de oratórios em duas das suas portas principais: a da Vila e a da Nossa Senhora da Graça. Incluídos no espaço semi-interior dessas passagens, os oratórios apresentam um varandim aberto sobre a via pública, e estão ornamentados com uma profusão de elementos decorativos. Tal situação permite uma (relativa) comparação com o oratório das Portas do Norte em Lamego – embora este, virado directamente ao exterior, sobre o arruamento, constitua uma construção inteiramente em madeira, e fechada com envidraçado.

E – Tipologia Arquitectura Religiosa

TEMA 6 – ÓBIDOS, OS PÓRTICOS E AS TORRES

Comparação entre o Pórtico da igreja de Santa Maria (quadricolunar, com colunas adossadas, de ordem coríntia, com porta de arco redondo central e nicho superior) e outros pórticos (em templos do Litoral Centro e Sul)



Pórtico da fachada da Igreja de Santa Maria de Óbidos



Pórtico de entrada no Pátio da Universidade de Coimbra ; ordem coríntia, com porta de lintel recto central, e entablamento recortado



Pórtico da igreja de São Pedro em Faro, c.1760 (in Faro...pág.7); ordem dórica, com porta de lintel recto central e nicho superior



Pórtico da I. Misericórdia de Aveiro, c.1620; ordem coríntia, dois pisos, com porta de arco redondo central e nicho superior



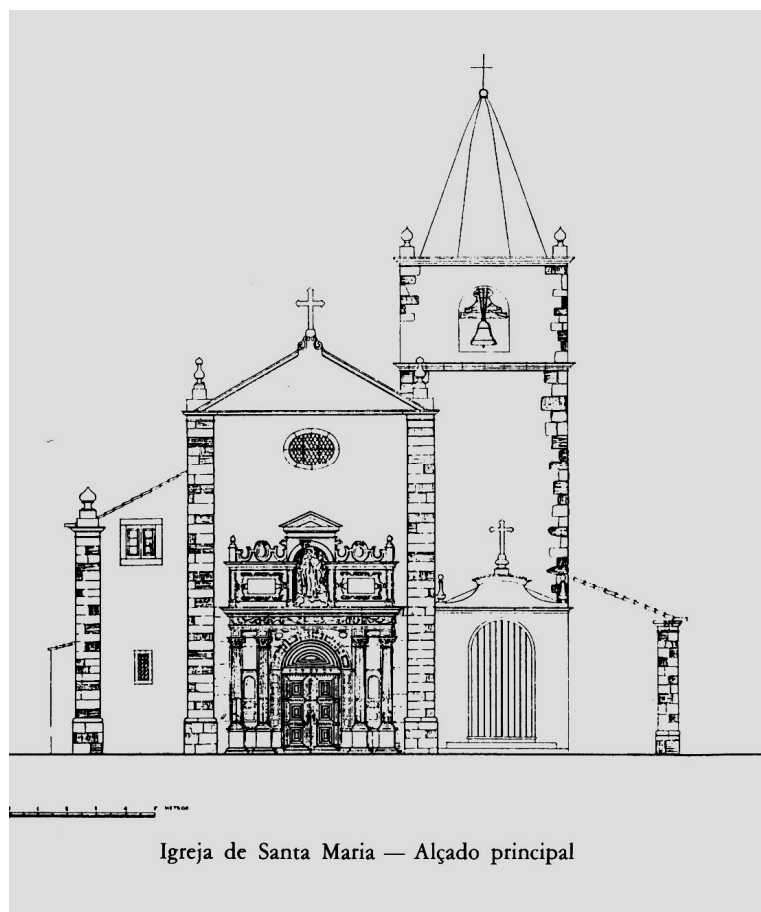
Comentário:

O pórtico clássico surge nas fachadas das igrejas portuguesas, sobretudo a partir da fase maneirista, como forma de valorização daquelas, num plano de intervenção escultórico-arquitectónico. De facto, os pórticos apresentam uma relativa autonomia construtiva e formal em relação ao desenho das fachadas onde são inseridos, dentro do chamado estilo retabular, ou de “fachada-retábulo” (como também sucede na cultura hispânica contemporânea). Esta autonomia permite realizar uma obra com um programa próprio, desenvolvido com clareza e eficácia nos seus elementos simbólicos e figurativos.

Reportando-nos exclusivamente aos pórticos, ou portais, de tipo quadricolunar, com colunas adossadas - como é o caso da igreja de Óbidos - podemos encontrar uma analogia com o exemplo seiscentista da igreja da Misericórdia de Aveiro, quer na ordem comum seguida (coríntia), quer no arco redondo central, quer ainda no nicho superior que cumula o conjunto. A diferença principal estará no maior desenvolvimento do corpo superior da obra de Aveiro, uma vez que apresenta outro conjunto quadri-colunar (dórico-toscano), sendo no seu todo um portal mais elaborado que o de Óbidos.

Embora menos semelhantes, também é possível referir dois outros conjuntos de pórticos quadricolunares: o pórtico nascente da Universidade de Coimbra (obra civil mas com relações com as de âmbito religioso), com vão central de lintel recto, e o da igreja de São Pedro de Faro, já setecentista, de ordem dórica, igualmente com lintel central recto, e com nicho superior de arco redondo.

Comparação da torre da igreja de de S. Maria com outras torres de igreja (volumetria, cobertura)



Torre da Igreja de Santa Maria de Óbidos com remate em pirâmide octogonal, forma de herança manuelina (in Câmara, foto)



Torre da igreja de S. João Baptista em Tomar (in Haupt, pág. 195; S. Maria de Óbidos pode ter sido análoga em 1510)

Comentário:

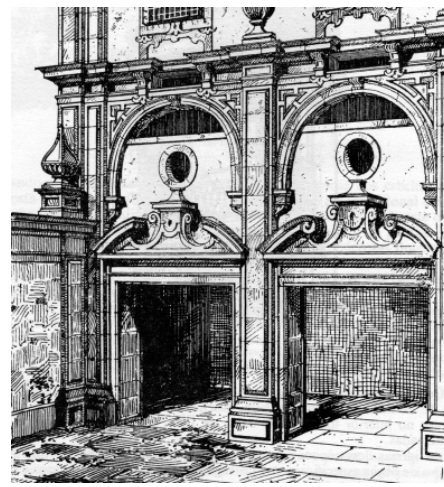
A torre sineira da igreja de Santa Maria atesta a sua provável origem anterior à fase maneirista-chã, que hoje comanda o desenho do conjunto da fachada. De facto, a sua cobertura em coruchéu de base octogonal remete para as características igrejas da fase manuelina, cujas torres frequentemente assumem esta tipologia formal, nos inícios de Quinhentos.

Como exemplo podemos mencionar a torre da igreja de São João Baptista de Tomar, templo que ainda actualmente mantém a feição manuelina no seu conjunto, e possui de facto uma torre de cobertura em coruchéu de base octogonal.

Comparação do pórtico barroco da Igreja da Misericórdia de Óbidos com outros pórticos



Pórtico da fachada da Igreja da Misericórdia de Óbidos



Arcos dos Grilos, Porto (in Haupt, pág.240; com frontões curvos quebrados)

Igreja em Ponte de Lima



Comentário:

A voluta, curva sobrepujando os vãos das igrejas, tornou-se um signo que identifica os portais da fase barroca ou barroquizante em Portugal. Embora mais frequentes nas áreas nortenhas, é possível encontrar alguns exemplos dispersos no centro e sul do país, nomeadamente em Óbidos, onde surge como marca de originalidade na fachada da igreja da

Misericórdia, assinalando claramente uma época concreta de intervenção e remodelação.

A voluta constitui um elemento arquitectónico de grande dinamismo formal, que nos temas do Barroco é utilizada com frequência para substituir o tradicional frontão clássico triangular, criando um sistema mais complexo e fragmentado. Assim sucede nalguns vãos da fachada da igreja dos Grilos, no Porto, onde duas volutas ascendentes para o centro da composição “abraçam” o elemento de remate superior.

Esse movimento ascendente é duplicado no exemplo de fachada em Ponte de Lima que se apresenta - onde um frontão curvo apoia dois fragmentos de frontão/voluta, em posição divergente/irradiante em relação ao centro, criando uma forte tensão plástica.

O caso de Óbidos, se por um lado apresenta volutas formalmente idênticas ao exemplo dos Grilos, por outro cria uma tensão emergente e complexa, como em Ponte de Lima - pois há no portal da Misericórdia uma quadruplicação das volutas, fazendo duas delas o enrolamento para o centro (e para baixo) e enrolando as outras duas para fora (e para cima).

TEMA 7 - ÓBIDOS – ESPAÇO DAS IGREJAS QUINHENTISTAS

Comparação da tipologia espacial das naves internas de Santa Maria de Óbidos (igreja colunária de 3 naves, com 3 x 2 colunas de ordem toscana, desenvolvendo e apoiando 4 arcos redondos longitudinais, com cobertura em madeira) - com outros templos do século XVI, da época maneirista de 1560-70, localizados na Estremadura, Alentejo e Algarve).



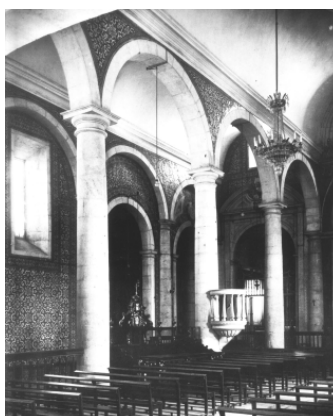
Igreja de Santa Maria de Óbidos, interior reformado em 1571

1. Igreja de N.S. da Conceição, Matriz de Vila Viçosa (in Reis) e (planta in Chicó, pág.210)

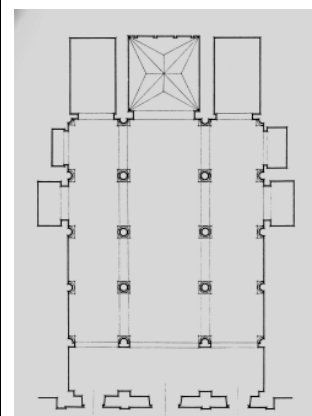
2. Igreja Matriz de Moncarapacho, de 1581, (in Correia, págs. 46 e 135)

3. Igreja de São Brás de Alportel, de antes de 1565, (in Correia, págs.51 e 143)

4. Igreja de Santa Catarina dos Livreiros em Lisboa, 1572, por Afonso Álvares, segundo Viterbo (in Viterbo, II volume, págs. 202-209; planta, corte e alçados)



1



1



2

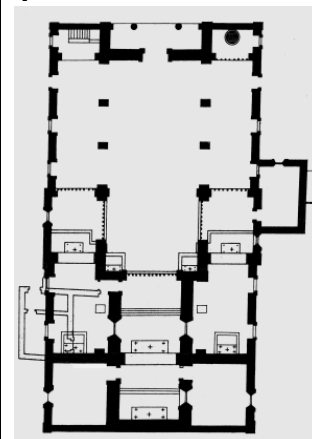


3

4



4



 <p>Igreja de Santa Maria de Óbidos - planta e corte (in Câmara)</p>	 <p>Igreja de S. Pedro em Palmela, por António Rodrigues, de 1568 (in História da Arte, foto do interior, pág.109)</p>	 <p>Igreja Matriz de Lagoa, Algarve de 1560-70 (in História da Arte, foto do interior, pág. 109)</p>
--	---	--

É de referir ainda a igreja de N.S. da Graça, Matriz de Setúbal, de 1565-72, por António Rodrigues (in História da Arte 7, texto pág 108; com 5 tramos de arcaria), bem como a Sé de Angra do Heroísmo, de 1570-1642 (in História da Arte, 7, pág.111, embora com pilares em vez de colunas e com cobertura por abóbadas).

Podem citar-se outros exemplos no texto de Horta Correia, História da Arte, vol.7, pág.110_(Igreja Paroquial de Fronteira, Igreja de S. Vicente de Abrantes, Igreja de S. Julião de Setúbal).

Podem também mencionar-se as tipologias correntes de Igrejas das Misericórdias: plantas de 3 naves sem capelas ou com capelas quase sem profundidade (ver exemplos de igrejas idênticas em Santarém, do sec. XVI).

Comentário:

A tipologia de igreja de 3 naves, separadas por colunas toscanas que suportam arcos de volta perfeita, é uma das mais correntes no País, na época da segunda metade de Quinhentos. No extremo dessas 3 naves, localizam-se as 3 capelas, com a capela-mor ao centro. Esta tipologia corresponde a uma evolução estilística das igrejas das fases Gótica e Manuelina, mantendo uma espacialidade idêntica - e destinava-se a cumprir programas paroquiais e de matriz, gerando espaços de alguma simplicidade, ma sua maioria com coberturas de madeira.

Quando se reformula a igreja de Santa Maria em Óbidos (depois de 1570), é este o modelo adoptado, com um resultado de clara eficácia e sentido estético preciso – o tema classicizante é dado apenas pelo sistema colunário, com a definição estilística dada pelos capitéis toscanos, e completada pelo desenho dos arcos redondos ou de volta perfeita.

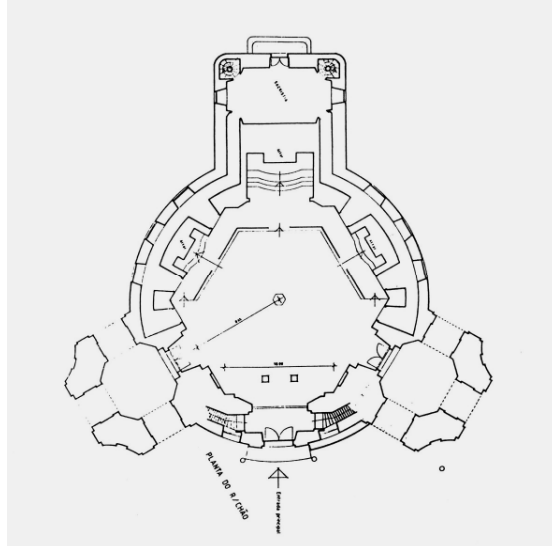
Trata-se do mesmo sistema que foi adoptado na igreja Matriz de Vila Viçosa (veja-se a planta comparada com a de Óbidos), na de São Pedro de Palmela e, no Algarve, nas matrizes de Lagoa, de Moncarapacho e na igreja de São Brás de Alportel. Também é comparável esta solução com a do interior de Santa Catarina dos Livreiros (Lisboa), pelo desenho que dela se conhece (Viterbo) - ou com a igreja Matriz de Setúbal. Nestes exemplos, o número de arcos internos separadores das naves pode variar, entre 4 e 5, e os sistemas de coberturas também podem ser diferenciado. Mas a imagem global do interior, dada pela arcaria sobre colunas, é o elemento “forte” definidor e comum a todas.

TEMA 8 - ÓBIDOS E AS PLANTAS CENTRADAS HEXAGONAIS

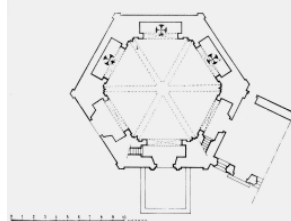
Comparação da Igreja do Senhor da Pedra com outras igrejas e capelas de planta centrada hexagonal / de génese triangular, em Portugal (confirmando a ocorrência mais frequente a Norte e Centro)



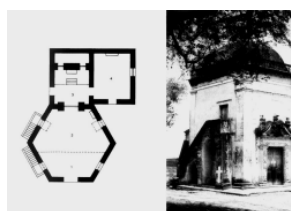
Igreja do Senhor da Pedra, com planta de padrão triangular-hexagonal (planta in Gorjão, pág. 66)



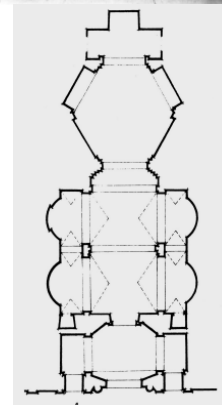
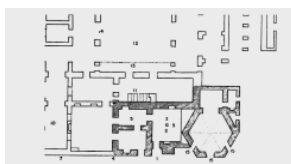
Capela da Casa Garcia de Ávila, em Salvador da Bahia (integrada na casa, de 1559) (construtor do Norte; a Capela foi dedicada a S. Pedro de Rates; in Gomes, pág. 372, planta e foto)



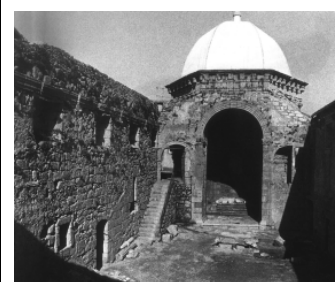
Capela de N.S. da Encarnação, Castelo de Vila da Feira (de escala monumental, 1596) (in História da Arte 8, foto pág.26; planta in Gorjão... pág.65)



Capela de Santa Rita, Paraíba (isolada) (in Gomes, pág.375)



Capela mor da igreja do Senhor Jesus da Pobreza (in Reis, foto e planta)



Capela mor da Igreja de São João da Foz do Forte da Barra do Douro (sec. XVI, 1527, segundo R Moreira) (in revista Oceanos n.1, 7/1989, pág.111, foto)

Podem caracterizar-se as igrejas de Planta Centrada com base nos dois tipos de geometrias mais frequentes na arquitectura religiosa:

a) Pode relacionar-se o padrão de planta octogonal com os sistemas formais correntes na tradição da arte islâmica, que se desenvolveu nas áreas meridionais de Portugal (nos padrões geométricos e decorativos, a forma do octógono resulta de dois quadrados centrados e sobrepostos, fazendo entre si um ângulo de 45 graus, e simbolizando o “cruzamento” do Céu com a Terra). O tema octogonal foi recuperado na cultura ocidental, pela arquitectura religiosa medieval e do classicismo (ex.: na base das cúpulas).

b) Por outro lado, pode relacionar-se o padrão de planta hexagonal com as “geometrias irregulares” geradas a partir da forma do triângulo (forma mais desequilibrada, ou dinâmica, por contraste com o quadrado, correspondendo este a uma forma tida como “regular”, mais equilibrada e estática). Estas geometrias são de algum modo mais persistentes no Norte do País, uma área menos islamizada de Portugal, e foram por vezes recuperadas pela arquitectura mais heterodoxa da fase barroca..

Como se pode apreciar na citação de Paulo Varela Gomes (in Gomes...), a tipologia de base hexagonal ocorre com alguma frequência nas áreas mais nortenhas e do centro de Portugal: “...pequenas capelas de planta octogonal ou hexagonal, estas sobretudo nas regiões do centro e norte-litoral.”

Exemplos de outras capelas, constituindo construções isoladas:

	1. Capela de São Gonçalo, centro medieval de Aveiro	
	2. Capela de NS dos Aflitos, Lamarosa, Coimbra (neo-clássica; in História da Arte 8, pág.23)	

Comentário:

O espaço de forma hexagonal corresponde na maioria dos casos a soluções da arquitectura religiosa desenvolvidas na fase clássico-barroca, sobretudo nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Se nos exemplos brasileiros da Paraíba e da Bahia que se apresentam, esse espaço, de desenho muito simples, se identifica com a parte central das capelas (abertas para a “caixa” do altar), articuladas com as casas senhoriais onde se inscrevem (Bahia), ou isoladas (Paraíba) - já no caso da Foz do Porto e do Senhor Jesus da Pobreza em Évora, o espaço hexagonal serve como capela-mor de templos de planta com desenvolvimento longitudinal, (e integrando nichos ou capelas laterais).

Mais elaborada e de escala monumental, a capela de Vila da Feira, ligada ao Castelo, integra na espessura das suas paredes três capelas e três portais.

É com este último exemplo que o invulgar templo do Senhor da Pedra se pode de algum modo comparar mas directamente – não só pela sua expressa monumentalidade, como pela complexidade da planta, onde também se rasgam três capelas e três portais. No Senhor da Pedra, porém, de dois dos portais e da capela mor, irradiam por sua vez três volumes que determinam a forma mais elaborada do exterior do templo – que constitui por certo o caso mais desenvolvido e monumentalizado de padrão tri-hexagonal na arquitectura religiosa do País.

De resto, e em contraste com este elaborado, único e original caso, o tema da pequena e singela capela isolada, de planta hexagonal, é também muito corrente em edifícios implantados ao longo da costa portuguesa, ou nas áreas perto do litoral, como atestam os exemplos seleccionados da Ericeira, Lamarosa, São Jacinto e Aveiro, integrando casos de pendor mais vernáculo e outros de desenho mais erudito.

TEMA 9 - ÓBIDOS E OS ALPENDRES NA ARQUITECTURA VERNÁCULA

Deve referir-se este tema em relação à família de edificações implantadas no antigo termo de Óbidos (de área diferente, e maior, da do actual concelho).

Podem agrupar-se os exemplos dos tipos de alpendre em igrejas, capelas e ermidas rurais com expressão vernácula, em dois conjuntos principais: os que apresentam alpendre adossado à fachada, em corpo autónomo; e os tipos dotados com alpendre inscrito na fachada principal, sem corpo autónomo.

Comparação das capelas do concelho de Óbidos com outras existentes na área Estremenha

1 – com dois alpendres/galerias adossados, um na fachada e outro lateral:



Igreja de Nª Srª de Aboboriz, Amoreira



Igreja de Nª Srª de Aboboriz, Amoreira



Terrugem, Sintra
Ver ainda no tema 4 as imagens de S. João das Lampas e Assafora

2 – com alpendre adossado à fachada, em corpo autónomo:



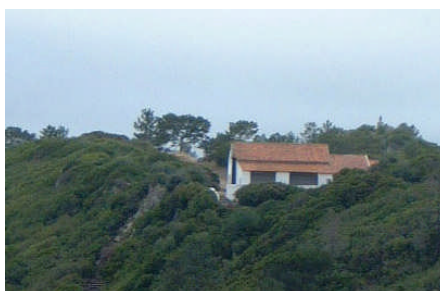
**Capela de S. Marcos, Gaeiras
(3 vãos, colunata)**



Capela de S. Iria (Bairro dos Arcos), com um vão simples



Capela do Espírito Santo, A dos Negros, com 3 vãos

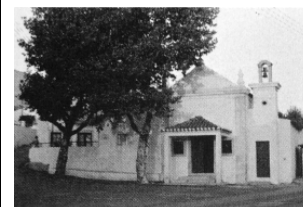


Capela de S. Antão, no alto sobranceiro ao Castelo, a Norte (com um vão central)

Na região Estremenha e Saloia, mencionem-se:



Capela de N.S. da Paz, na Bemposta, Loures (com portal único central; in Património Loures, ficha 2)



Capela de S. Roque, em Vila de Rei, Loures (com pequeno pórtico de 2 colunas adossado, sobre 3 vãos na fachada; in Património Loures, ficha 4)



Capela de N.S. da Saúde, em Montemor, Loures (com pórtico de 3 vãos, sobre duas colunas e dois pilares; in Loures Tradição... pág.94)



Capela de S. André, no Arelho (com alpendre de três vãos, entre pilares de pedra, e pequeno escadório



Capela de S. Amaro, (com 4 colunas; in Loures Tradição...pág.94)



Ermida de N.S. da Apresentação, em Porto Salvo, Oeiras (com pórtico de 3 vãos, com 2 colunas toscanas; in Fernandes...Imagens, pág.71)

De referir ainda o alpendre que se juntava à antiga igreja de Santiago ao Castelo de Óbidos, que desapareceu.

Exemplos de alpendres situados fora do Concelho, antes pertencentes ao Termo de Óbidos:



Capela de S Lourenço, S. Mamede, de 1550 (capela do Solar dos Melo e Castro, situada fora do concelho, no antigo termo); e ainda a capela dos Gorjões (actualmente no concelho do Bombarral), com tecto de nervuras (sem imagem).

3 – com alpendre inscrito na fachada principal, sem corpo autónomo:



Igreja de S. Brás / Stº .António, em A da Gorda ou Dagorda (átrio tripartido)



Na Região Saloia, Capela de N.S. da Nazaré, no Catujal, Loures (com 3 vãos, sendo os dois laterais gradeados; in Património Loures ficha 57)

Pode relacionar-se este tema com a arquitectura erudita, por analogia com o alpendre/galilé do convento de S. Miguel.

Comentário:

Este tema é dos mais significativos da arquitectura religiosa de feição popular ou vernácula, possivelmente com antecedentes históricos que recuarão até à fase cristã primeva.

O caso de alpendre religioso espacialmente mais desenvolvido, do concelho de Óbidos, situa-se na Amoreira - como também ocorre noutras áreas características da Estremadura, como São João das Lampas, Assafora e Terrugem-Sintra . A igrejinha de Nossa Senhora de Aboboriz, na Amoreira, apresenta, como nos exemplos referidos, duas ordens de alpendres, um aplicado à fachada, outro adossado ao corpo lateral do edifício.

Os alpendres mais correntes constituem um corpo elementar, com três faces, coberto por telha, e adossam-se simplesmente às fachadas das capelas e igrejas, sendo o caso mais interessante, original e com qualidade paisagística, o da capela de Santo André no Arelho, completado aliás com um singelo escadório. Este tipo de alpendre, de 3 vãos (abertos entre pilares, colunelos ou panos de parede), é do tipo do de São Marcos nas Gaeiras (embora este assuma uma expressão mais recente), e ainda do do Espírito Santo (na Sancheira Grande, A Dos Negros) - e encontramos-lo noutros casos estremenhos, como em Vila de Rei, Montemor, Santo Amaro (Loures), e Porto Salvo (Oeiras).

Mais singelos ainda e por vezes de grande beleza, são os alpendres que apenas apresentam um vão frontal, como o de Santa Iria (Bairro dos Arcos), ou dois vãos em corpo lateral (em Santo Antão, frente ao Castelo). São comparáveis com o exemplo de Nossa Senhora da Paz, na Bemposta (Loures).

Finalmente, há que mencionar o caso dos alpendres inscritos no mesmo corpo da igrejinha, ou se quisermos, formando uma espécie de átrio de acesso ao templo – identificáveis exteriormente, portanto, apenas pelos três vãos térreos na fachada, abrindo o central para a entrada. O caso único no concelho é o da igreja de A Da Gorda, que tem alguma analogia com o exemplo estremenho de da capela da Nazaré, no Catujal, em Loures.

TEMA 10 - ÓBIDOS E OS CONVENTOS DOS CAPUCHOS

Comparação entre o convento dos Capuchos de Gaeiras e outros de Portugal (com fachadas e claustros de grande simplicidade de desenho)

1 – Claustros



Igreja do Convento de S Miguel das Gaeiras (átrio tripartido, com colunas de lintel recto, da ordem toscana)



N.S. da Anunciação, S António da Lourinhã (com claustro de ordem toscana, lintéis rectos, dois pisos)

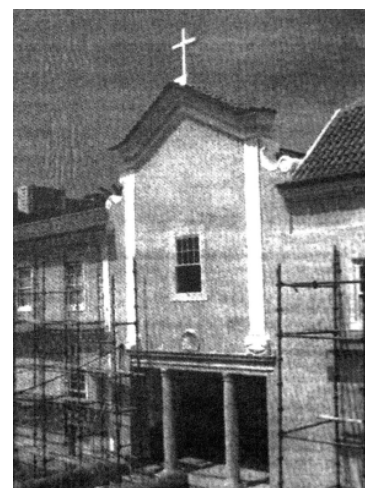
De referir ainda o extinto Convento do Vale Benfeito (da Ordem dos Jerónimos, 1535-1569, como outros - N.S. Pena, Penha Longa e S.M. da Costa) (situava-se em Óbidos, foi destruído, existindo algumas ruínas)

2 – fachadas de igrejas / capelas, com átrio de vãos de lintel recto



Igreja do Convento de S Miguel das Gaeiras

Capela da Quinta do Conventinho, na Mealhada, Loures (do antigo Convento do Espírito Santo, dos Capuchos, de 1575, muito semelhante a S. Miguel, com fachada apresentando átrio com 3 vãos de lintel recto entre colunas toscanas; in Loures Tradição...pág.95)



De referir ainda: o edifício de S António dos Capuchos da Caparica, com 3 vãos na fachada; o Convento dos Capuchos de Alferrara, Palmela (lintéis rectos laterais); e o Convento de S. José de Ribamar, Algés (ver Mário de Sampaio Ribeiro, “Da Velha Algés”).

3 - fachadas de igrejas/capelas, com átrios com vãos de arcos redondos:

			
<p>Convento dos Capuchos de Faro (com três vãos redondos iguais na fachada; in Faro..., pág.14)</p>	<p>Convento da Arrábida, Franciscanos, de 1540 (com um arco e átrio na fachada), sobre ermida de N.S. da Arrábida</p>	<p>São Pedro de Alcântara, Lisboa (dos Arrábidos de S. Francisco, de 1680; in Monumentos V, 2 tomo, pág. 57 e foto XXXV; a fachada apresenta três vãos redondos com o central mais amplo, deitando para átrio)</p>	<p>Igreja do Convento de S. António dos Capuchos em Penafiel (fachada com 3 arcos redondos; in Fachadas de Igrejas...pág.119)</p>

Comentário:

O claustro do convento das Gaeiras é um dos mais belos exemplos de solução claustral, com expressão arquitectónica entre o erudito e o vernáculo, existente em Portugal.

Apresenta apenas um nível térreo, de planta rectangular, com dois lados de quatro e dois de cinco tramos, frente a frente respectivamente - todos eles suportados por um lintel recto em pedra. O aspecto mais interessante resulta do desenho dos pilares de apoio daqueles lintéis: são peças em pedra, tal como as dos lintéis, sem nenhum acabamento especial, de secção aquadrada simples, e sem capitel – apenas com a face deitando para o exterior de topo facetado, em corte curvo, fazendo as vezes do capitel.

O efeito resultante é a um tempo muito forte e delicado, dando um sentido de grande unidade ao conjunto do pequeno claustro.

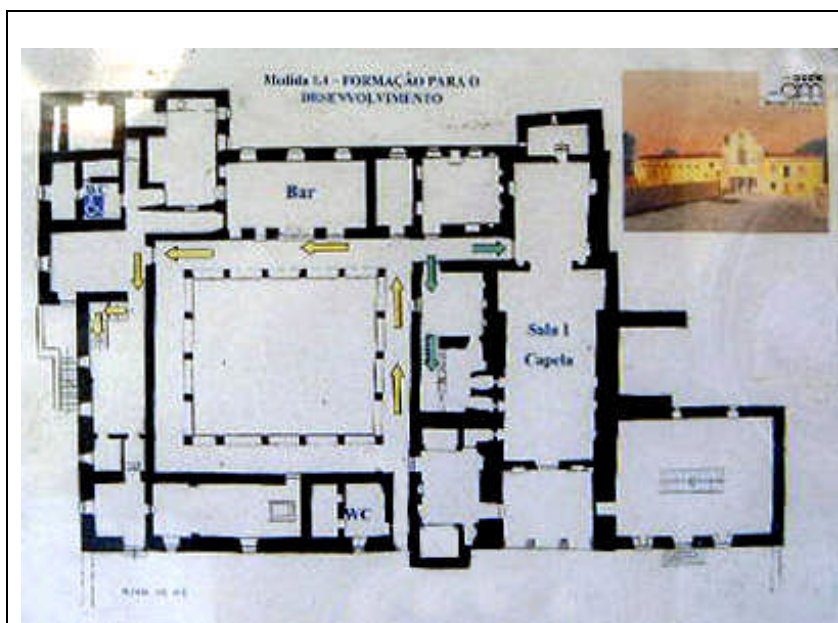
Comparando-o com o claustro de Santo António da Lourinhã, este é também de clara e simplificada expressão no seu desenho, e igualmente com lintéis rectos; porém, além de corresponder a dois níveis cobertos, sobrepostos, tanto o perfil dos lintéis como o capitel das colunas de apoio seguem a ordem erudita e clássica toscana - distanciando-o um pouco da austera e chã solução de S. Miguel das Gaeiras..

Tal como a fachada do Conventinho na Mealhada de Loures, a de São Miguel das Gaeiras segue o modelo da fachada de desenho simples, com átrio térreo tripartido, sobre lintel recto, apoiado em duas colunas toscanas – solução corrente nas obras dos Capuchos. Mas a fachada das Gaeiras é no seu conjunto mais elaborada, pois apresenta o remate superior em frontão curvo (com torreta sineira lateral), bem como um janelão central de perfil barroco, encimado por nicho, ambos com delicadas molduras em pedra. Ao contrário, a fachada do Conventinho apenas exhibe um janelão central rectangular, e está rematada por frontão recto de duas águas.

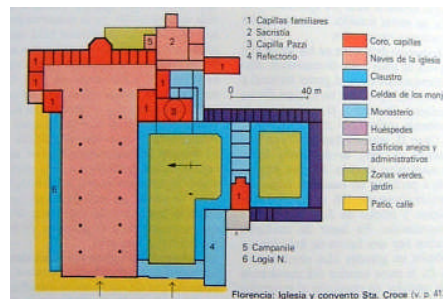
Outras instalações conventuais dos Capuchos e dos Arrábidos apresentam em comum a fachada lisa da sua igreja com os três vãos térreos abrindo sobre o átrio – trata-se de um tema do universo dos Franciscanos, que reflecte naturalmente os seus ideais de despojamento e simplicidade, e que se estende a diversas ordens religiosas mendicantes.

Assim, se os Capuchos das Gaeiras e de Loures construíram o átrio tripartido encimado com lintel recto, também os Capuchos da Caparica (Almada) e de Alferrara (Palmela) exibem o tipo de átrio tripartido, enquanto os Capuchos de Penafiel e de Faro edificaram a sua igreja com átrio de três vãos curvos, de igual medida, na fachada. O caso de Lisboa será talvez o mais elaborado, dentro deste sistema bastante simples: de facto, São Pedro de Alcântara, dos Arrábidos, apresenta o átrio com acesso tripartido, mas é aqui hierarquizado, dado que o vão central corresponde ao maior dos três arcos abertos para a entrada.

Comparação da organização dos espaços internos e da concepção funcional dos conventos Capuchos com outros conventos



Planta de São Miguel das Gaeiras



Santa Croce em Florença (in Atlas 2, pág. 362, organigrama)

Pode referir-se ainda a uma breve listagem de eremitérios e “conventos de paisagem” em Portugal:

Mosteiro da Pena, na Serra de Sintra, do sec.XVI (por D.Manuel, Jerónimos), sobre ermida de NS Pena (depois Palácio da Pena)

Convento de Santa Cruz dos Capuchos, ou da Cortiça, Sintra (por D. Álvaro de Castro) 1560

Deserto/Convento dos Carmelitas Descalços, Buçaco, 1628-30 (cf. Gomes)

Comentário:

Em relação à estrutura e organização espacial interna, os conventos do tipo mendicante obedeciam a uma disposição bastante clara e elementar: a igreja, com três naves ou de nave única (este o caso das Gaeiras) tendo a capela-mor ao fundo, articulava-se através de um espaço de transição com o claustro. À volta deste claustro, organizavam-se as várias funções complementares, distribuídas entre o nível térreo e o primeiro andar: refeitório, celas, etc.

Os chamados “conventos de paisagem” edificados em Portugal apresentavam alguma relação com a instalação das Gaeiras, pela procura da sua localização em áreas não urbanas, onde o recolhimento e a relação com a Natureza era propiciado. Entre os mais notáveis podemos citar, todos do século XVI, o dos Franciscanos na Serra da Arrábida, com um vão simples na fachada, e ainda o dos Jerónimos na Pena (na Serra de Sintra, depois muito alterado pela inclusão no Palácio da Pena), o de Santa Cruz dos Capuchos (na Serra de Sintra, com nítida e original característica vernácula), e ainda o dos Carmelitas Descalços, no Buçaco, já seiscentista.

TEMA 11 - ÓBIDOS E AS SINAGOGAS

Comparação da tipologia de espaços da Sinagoga da época medieval-manuelina, com outros espaços análogos em Portugal



Antiga Sinagoga de Óbidos



Sinagoga de Tomar (in Manuelino..., pág.83, foto; com planta aquadrada, de 9.5m x 8 metros aproximadamente, constituindo um espaço centrado assente sobre 4 pilares, datando de cerca de 1460)



Cripta da Igreja da Colegiada de N.S da Visitação de Ourém, de 1450-60 (in Silva...Paços Medievais...pág.150, foto; com planta aquadrada assente sobre 4 pilares)

“...as salas de oração das sinagogas que até agora estudámos apresentam plantas subquadrangulares que têm ou podem ter tido quatro colunas centrais a definir o espaço de colocação da Tevah. São, geralmente, edifícios de pequenas dimensões de 10m x 10m ou 10m por x 9m ou 10m x 8m. Enquadram-se nesta tipologia, que pode relevar de

um significado simbólico, as sinagogas de Tomar, Évora, Valência de Alcântara e a de Mérida...”(in Carmen Balesteros, pág. 144).

As sinagogas da época são espaços arquitectónicos introvertidos, talvez por uma necessidade de discreção dentro de cada comunidade urbana cristã.

Comentário:

Enquanto a sinagoga de Tomar apresenta um espaço bem caracterizado e ainda preservado, que se pode de facto comparar com o espaço da cripta de Ourém, em termos de dimensão, sistema de suporte e imagem geral - os vestígios da sinagoga de Óbidos são escassos, havendo apenas a tradição da sua inclusão na casa da vila aqui referenciada.

Assim, podemos apenas confirmar a possibilidade física de ter aqui existido uma sala com as dimensões e as características tradicionais desta tipologia de espaços sagrados. A construção actual, em geral muito arruinada, também poderá corresponder a uma fase medievo-renascentista que corresponderia a essa possibilidade (a janela de canto no pios superior aponta para uma obra dessa época). O desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica consistente seria possivelmente útil para avançar no conhecimento deste tema.

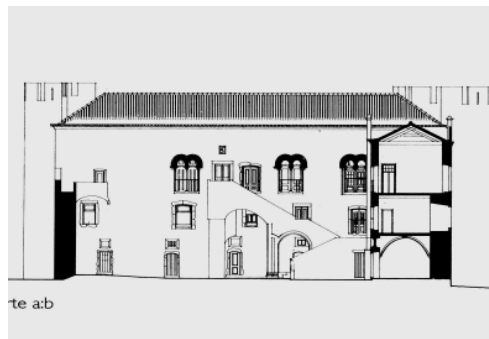
F – Tipologia Arquitectura Doméstica (vernácua e erudita)

TEMA 12 - ÓBIDOS E OS PAÇOS ACASTELADOS MANUELINOS

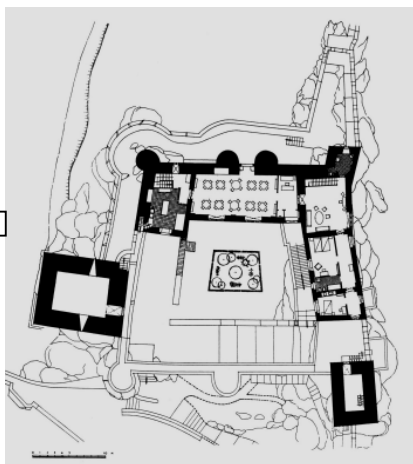
Comparação do Paço do Castelo de Óbidos com o Paço do Castelo do Alvito, ambos do período Manuelino e com analogias formais e espaciais muito claras e fortes (apesar das reconstituições discutíveis do séc.XX)



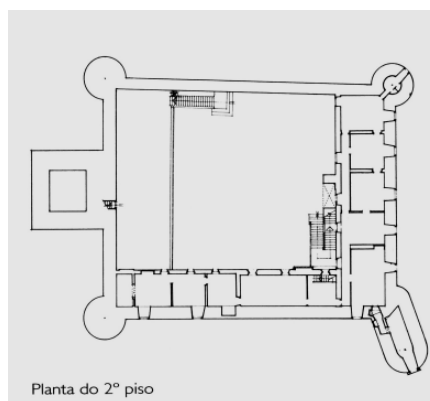
Paço Acastelado do Alvito, depois de 1497 (in Silva...Paços Medievais...págs.352-3, planta piso nobre e alçado-corte; in Manuelino...pág. 246)



te ab



Paço Acastelado de Óbidos / actual Pousada de Óbidos (in Boletim DGEMN, planta fig. 6, e alçado fig.11,)



Planta do 2º piso

Aspectos comuns aos dois paços:

Edificação inscrita num Castelo de forma aproximadamente quadrangular, virada para o interior deste.

Organização dos espaços internos em “L”, aproveitando e assentando nas muralhas; escadaria exterior, conduzindo ao portal do piso principal
Compartimentação sequencial, sem corredores de distribuição
Vãos geminados com arcos redondos em Óbidos, enquanto no Alvito apresentam arcos ultrapassados

Comentário:

A tipologia do paço acastelado, como espaço residencial e defensivo a um tempo, foi um tema muito desenvolvido na fase gótico-manuelina, e correspondeu a um tema arquitectónico (a “casa-castelo” da nobreza) fundamental à colonização, urbanização e reocupação dos territórios do país a partir da Reconquista.

No centro-sul de Portugal, esta tipologia assumiu uma expressão mudéjar, congregando elementos arquitectónicos e decorativos herdados da tradição moçárabe e cristã-medieva.

No dealbar de Quinhentos, o sentido desta construções acentua a sua vocação residencial, e se vão por isso tornando progressivamente mais decorativas e elaboradas, com menor importância dada aos temas da fortificação propriamente dita.

Os paços de Óbidos e do Alvito exprimem com clareza essa tendência, quer na formulação espacial (habitação palaciana intra-muros, com planta em “L” definido um semi-pátio interno), quer na tipologia concreta utilizada (pisos baixos para serviços de apoio, piso superior para residência, com acesso autónomo exterior), quer ainda no sistema de espaços internos (compartimentação em “comboio”), e no registo decorativo (patente nos vãos geminados com decoração profusa, de gosto manuelino).

Comparação de portais manuelinos lobulados e de vãos geminados manuelinos



Portal do Paço de Óbidos com arco de 8 lóbulos (in Boletim DGEMN...foto 40)



Janelas manuelinas geminadas do Paço de Óbidos

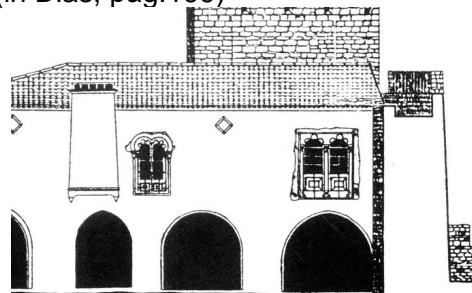


Portal da Igreja de Redinha com arco de seis lóbulos (in Dias, pág.169)

Porta da Sala das Pegas do Palácio da Vila de Sintra com arco de 9 lóbulos (in O Paço de Sintra, pág. 161)



Janelas geminadas do Paço de Beja (in Dias, pág.199)



Comentário:

O tema decorativo do portal manuelino poli-lobulado está patente em obras de cariz profano (palácios, castelos) e religioso (igrejas). Embora de desenho muito delicado, este tipo formal disseminou-se por toda a área de influência portuguesa durante a primeira fase da Expansão, desde o século XVI – ainda hoje há exemplos na Índia, na área de Cochim (igreja de Vaipin).

Em termos gerais, trata-se de um modo elaborado de preencher um arco redondo em pedra, com um desenho que recorta e fragmenta em pequenos troços irradiantes o perfil curvo de volta perfeita.

Os exemplos do palácio da Vila em Sintra (Porta das Pegas) e do portal de igreja da Redinha, na Estremadura, são quase directamente comparáveis, pela expressão e tratamento material, com o arco do portal do Castelo de Óbidos (actual entrada na Pousada).

Em relação aos vãos geminados, de desenho manuelino, da fachada principal do Castelo de Óbidos, o exemplo mais próximo em termos formais poderá ser o das janelas do Paço de Beja, pelas suas mini arcarias de preenchimento dos vãos (3 por vão em Beja, 4 por vão em Óbidos).

TEMA 13 - ÓBIDOS E OS SOLARES URBANOS DO “ESTILO CHÃO”

Caracterização sumária, estilística e histórica, do “Estilo Chão”, no quadro da Arquitectura Portuguesa (cânones clássicos standartizados, simplicidade formal, sentido planimétrico das fachadas e dos elementos construtivos)

Comparação do Solar da Praça (também designado de Casa Malta ou de Brito Pegado) com outros edifícios solarengos Seiscentistas em Lisboa, Santarém e Évora (cf. exemplos indicados por Câmara, e outros)



Solar da Praça em Óbidos, com duas fases de obras: sécs.XVI-XVII com a fachada para a praça, e do tempo de D.Maria (1782) na frente virada para a rua Direita; depois alterado por Eduardo Malta, é a actual galeria de exposições municipais (sec.XX)



Palácio Teles de Menezes, a S. Vicente de Fora, Lisboa (igualmente com um volume maciço sobre desnível (in Monumentos V, I tomo, foto 136)

Palácio de Tancos, Lisboa (embora de expressão mais erudita que a casa de Óbidos, também se apresenta com grande volume em pedra sobre uma rua íngreme, de vasto andar nobre com janelas de sacada, tendo por baixo uma sobreloja de janelas de peito de lintel liso) (in Monumentos V, I tomo, foto 76)



Caracterização sumária do Solar da Praça: dois pisos para o lado poente (rua Direita), com vãos de lintel curvo no térreo e piso nobre com vãos de lintel liso e recto, em janelas de sacada; três pisos para os lados norte e nascente, sendo o terceiro superior dotado com vãos de lintel liso e recto, o piso intermédio com janelas de peito de desenho liso e simples, e o piso térreo de tipo loja

De referir outros solares com algumas analogias formais, nas suas fachadas, com o solar da Praça em Óbidos: Palácio de Figueira, Lisboa; Palácio dos Almadás, Lisboa; Palácio dos Morgados de Mesquita, Évora, actual Museu de Évora; Solar dos Serrões, em Santarém

Comentário:

O tema inscreve-se no dos grandes edifícios solarengos da época clássica, implantados em áreas urbanas com desníveis consideráveis – tema aliás muito presente nas áreas urbanas portuguesas, com frequente geo-morfologia de grande irregularidade.

Assim, tanto o Palácio de Tancos como o de Teles de Meneses, em Lisboa, se desenvolvem em termos volumétricos com um forte embasamento, o qual permite nivelar os pisos mais nobres da habitação, a uma cota de plano horizontal superior. Embora com uma escala e uma expressão estilística mais modestas, é igualmente o que sucede com o Solar da Praça em Óbidos: as suas fachadas a norte e a nascente assumem uma volumetria considerável, sendo que o seu piso nobre, a nível superior (terceiro piso), com vãos de sacada, tem de seguida continuidade para a frente da rua Direita (do lado poente) ao nível de um primeiro andar – devido à gradual subida em rampa dos arruamentos envolventes.

Comparação do Palácio dos Aboíns com outros solares através das suas analogias formais



Palácio dos Aboíns, na Praça central de Óbidos, com fachada de 1740 (construído interiormente pelos CTT em 1956, no quadro da Arquitectura do Estado Novo)



Palácio Azurara, no Largo das Portas do Sol, Lisboa (fachada aquadradada, como o de Óbidos, mas com desenho Seiscentista na fachada)

Comentário:

Embora apenas subsista a fachada de meados de Setecentos (foi completado interiormente no século XX), o palácio dos Aboíns em Óbidos apresenta exteriormente uma solução interessante, e relativamente rara no quadro das fachadas solarengas em Portugal: uma proporção aquadradada, com portal central e um sistema de vãos envolventes em composição conjunta rigorosamente simétrica.

É também o caso do Palácio Azurara, em Alfama, Lisboa, embora com um maior número de vãos - e as suas janelas de sacada apresentam um desenho muito parecido com as sacadas do exemplo em Óbidos, pois nos dois casos estão encimadas por entablamento clássico.

TEMA 14 - ÓBIDOS E A CASA RURAL DE ARQUITECTURA VERNÁCULA

Comparação de alguns exemplos de habitação vernácula do concelho de Óbidos, em meio urbano e rural, com exemplos de arquitectura popular de outras áreas do país, nomeadamente das Ilhas Atlânticas (Açores) – quer do ponto de vista tipológico (casas de dois pisos com escada externa e alpendre, com cobertura de quatro águas - quer nos aspectos formais (chaminés de corpo cilíndrico).

Vai desenvolver-se uma análise tipológica de algumas Casas Rurais Estremenhas típicas, quer de tipo mais popular e simplificado, quer de arquitectura mais elaborada, e quer em contexto rural quer no espaço urbano da vila

Citação de J.Leite de Vasconcelos:

“Casas do Concelho de Óbidos: Em geral as casas são de um andar, nas aldeias. O tipo é uma porta com postigo e uma janela de cada lado; porta com postigo à sala de entrada, as janelas a quartos. Telhado de duas águas. Algumas casas antigas têm um andar alto e por fora umas escadas, ao cimo das quais há um *alpendre*.” (in Etnografia Portuguesa, vol.VI, pág.228)

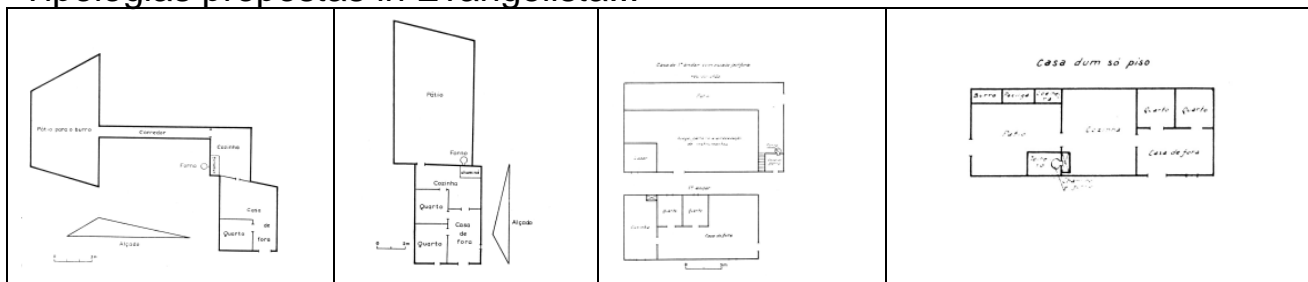
Análise tipológica:

A partir da consideração das 3 tipologias propostas na monografia s/ A dos Negros (Evangelista, 4 plantas esquemáticas, págs. 65,66,68 1 - casa de 1º. andar com escada de fora; 2 – casa de um piso; 3 – casa de 1º. andar com comunicação interior), podem contra-propôr-se estas 5 tipologias, constituindo um sistema classificativo mais abrangente:

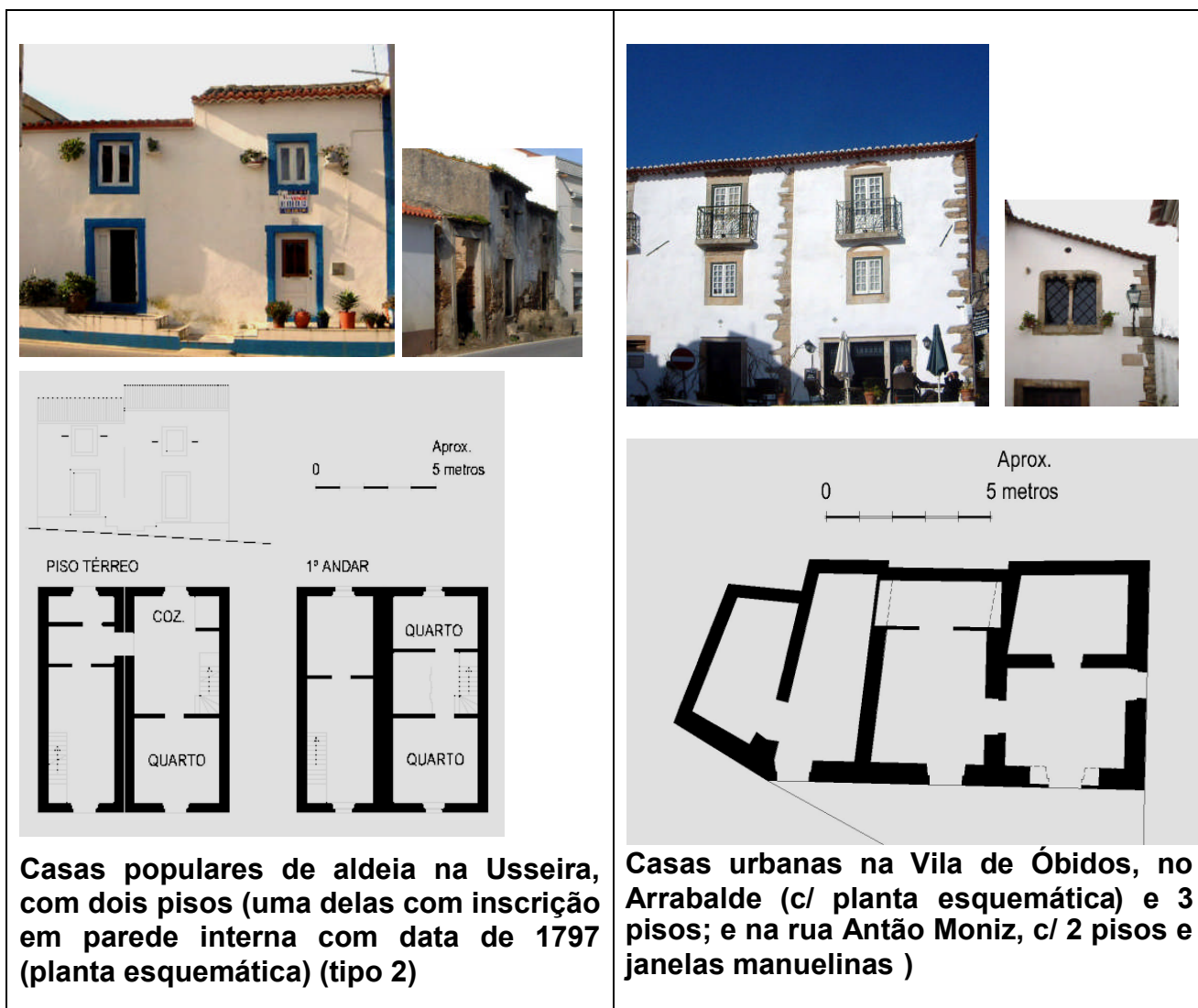
- Tipo 1 - casa estreita, de 1 piso, com um vão (porta) na fachada;
- Tipo 2 - casa estreita com dois pisos, um vão (porta) na fachada e uma janela no piso superior (escada de acesso em madeira pela cozinha ou pela sala);
- Tipo 3 - casa aquadrada, de um piso, com dois a três vãos na fachada (porta e 2 janelas)
- Tipo 4 - casa aquadrada, de dois pisos, com três a quatro vãos na fachada (porta e janela no térreo; uma ou duas janelas no superior) (pode ir até 3 pisos, com loja em baixo)
- Tipo 5 - casa aquadrada, de dois pisos com escada exterior de pedra e acesso por patamar ou alpendre descoberto.

Todas estas construções utilizam a taipa ou a alvenaria de pedra (paredes exteriores espessas), e estão dotadas com sala, quartos, e cozinha (esta com sistema forno-lareira-chaminé). A cozinha está sempre no piso superior, quando há mais de um piso. A cobertura é de duas águas para os edifícios estreitos, quatro para os aquadrados.

Tipologias propostas in Evangelista...



Tipologias propostas neste estudo:



Casas populares de aldeia na Usseira, com dois pisos (uma delas com inscrição em parede interna com data de 1797 (planta esquemática) (tipo 2)

Casas urbanas na Vila de Óbidos, no Arrabalde (c/ planta esquemática) e 3 pisos; e na rua Antão Moniz, c/ 2 pisos e janelas manuelinas)



Conjunto de 3 casas na Amoreira (2 pisos, porta e janela) (tipo 2)



Conjunto de 4 casas da Amoreira (2 pisos, porta e janela, junto à capela) (tipo 2)



Casas de dois pisos com alpendre e escadas exteriores, em A Dos Negros (2 fotos e estampas VII e XI in Evangelista...) (tipo 5)

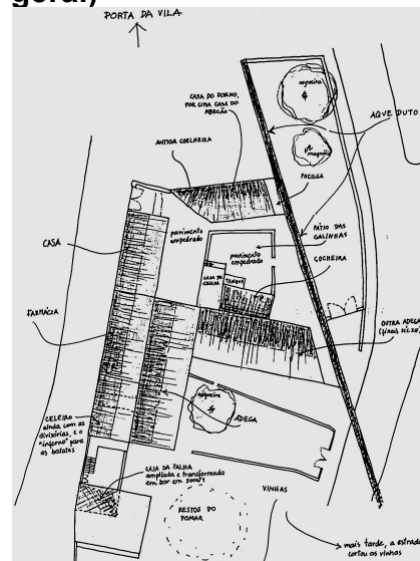


Casa no Olho Marinho, de dois pisos e 4 vãos (tipo 4)

Casa de Lavrador (in Santos...Relatório, planta geral)



Casa na Amoreira (2 pisos, 3 vãos) (tipo 4)





Casa do Padre Sousa, no Arrabalde, com abóbada térrea, seis vãos na fachada, encimada por cornija e janelas de peito molduradas em pedra no alçado traseiro (com relevos eruditos)

Casas de 2 pisos, com alpendre (balcão), escada exterior e cobertura de 4 águas, em S. Maria, Açores (foto arquivo JMF)





Casa com chaminé cilíndrica (ao modo de S. Maria dos Açores), e torreão na extrema do pátio, Arrabalde/Óbidos



Casas com chaminés cilíndricas em S. Maria



Comentário:

As casas de um só piso, que são as mais elementares do concelho, como as encontrou Leite de Vasconcelos há cerca de um século, e Evangelista há várias décadas, estão hoje em vias de desaparecimento. Registamos esta tipologia, mas não encontramos exemplos com qualidade assinalável. Integra o **tipo 1** (com um vão na frente) e o **tipo 3** (com dois ou três vãos na fachada).

Mais frequente ainda hoje é o tipo de casa popular com dois pisos e acesso com escada interior, que encontramos quer nas aldeias quer na vila intramuros, destinando-se a situações de construção de lote-a-lote, com uma parede comum a separar cada casa. Muitas estão já em ruínas, assinalando também a proximidade do fim de mais uma tipologia de habitação popular tradicional. Podemos considerá-las dentro do **tipo 2** (com uma porta e uma janela), o mais simples, com exemplos na Usseira e na Amoreira – e encontramos ainda um caso com datação de finais do século XVIII, na Usseira – e dentro do **tipo 4**, quando apresentam mais vãos (3 a 4 na fachada), com nos casos apresentados na Amoreira, no Olho Marinho e na rua Direita de Óbidos. Interiormente, as de tipo 2 apresentam uma planta estreita e alongada, perpendicular à rua, com vários compartimento em sequência, e a cozinha ao fundo, onde em

tempos mais remotos deveria ter existido uma lareira com forno, ao modo da casa estremenha tradicional. As de tipo 4 são de proporção mais quadrada, na fachada como na planta interior.

Uma variante a este tipo são as construções com 3 pisos, como o caso no Arrabalde que se apresenta – já com alguma preocupação erudita, pois exibe janelas de sacada no piso superior. Outra variante de assinalar é a da “Casa do Padre Sousa”, também no Arrabalde, que apresenta seis vãos na fachada, em programa interno mais desenvolvido, de transição para tipos de habitações mais complexas e com alguns sinais decorativos de erudição (cornija, janelas com molduras).

Finalmente o **tipo 5**, que encontramos com facilidade em A Dos Negros, corresponde a um tipo de construção isolada, de feição mais rural, com cobertura de quatro águas, e dotada de um alpendre ao qual se acede por escada de pedra externa.

Todos estes tipo de casa se inserem, claro, no modelo mais geral da casa da Estremadura (dentro do tipo de habitação meridional, do Centro e Sul do país), com utilização da pedra e da taipa na construção das espessas paredes, com cobertura em telha de duas ou quatro águas, e com caiação exterior.

Dentre as muitas comparações possíveis (nomeadamente com a casa da Região Saloia, de Sintra ou de Mafra) apenas se refere aqui a relação com a casa mariense (Santa Maria, Açores), que, apresentando os mesmos elementos construtivos já mencionados (cobertura, caiação, alpendre, escada externa), inclui além disso o tipo de chaminé que curiosamente encontramos em dois ou três caso de Óbidos (intramuros e no Arrabalde – a alta e esguia chaminé de corpo cilíndrico e remate superior semi-esférico).

TEMA 15 - ÓBIDOS E A ARQUITECTURA DO SÉCULO XX, MODERNA / CONTEMPORÂNEA

Comparação de alguns palacetes de gosto neo-tradicional com exemplos de “Casa Portuguesa” externos ao concelho:



“Casa Avellar”, palacete de tipo “Casa Portuguesa” (possivelmente dos anos 1940-50), c/ jardim envolvente (beirais, pombinhas, alpendres, etc)



Palacete de tipo Casa Portuguesa (antiga “Residencial Freitas”), com alpendre coberto na fachada



Casa em Évora com 2 pisos, beirais e alpendres



“Vivenda Lino”, Olho Marinho



Casa junto à rotunda de saída da Vila de Óbidos

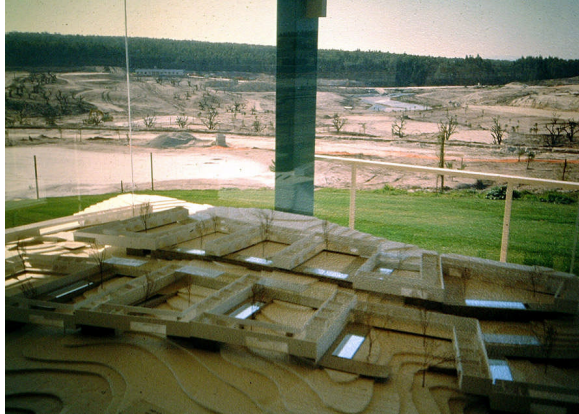
Comentário:

O tema é recorrente da época do primeiro quartel do século XX, quando se prolongavam as características tardo-românticas, eclécticas e revivalistas, na arquitectura residencial – em conjunto com as consequências do movimento cultural da “Casa Portuguesa” (de cerca de 1900-1910), e no quadro de um modo de construir com base em materiais tradicionais.

Deste modo, a casa da classe média mais ilustrada - casa em meio rural, ou de feição urbana ou peri-urbana – procurava exibir de um modo formalista e decorativo os elementos entendidos como caracterizadores da tradição portuguesa da construção: paredes de alvenaria caiadas, cobertura ampla em telha, com beiral e “pombinhas”, vãos moldurados em pedra, alpendres cobertos, galerias ou avarandados com arcaria de volta perfeita.

Tal é o caso, em termos gerais, dos três exemplos que foram recolhidos em Óbidos – a “Casa Avellar” (mais decorativa) e a antiga “Residencial Freitas” (mais sóbria) - ambas no Arrabalde, além da “Vivenda Lino”, no Olho Marinho (mais modesta). Em conjunto com a casa à saída da vila na direcção da A8 (junto à rotunda), que, embora com aspectos análogos às antes referidas, deve ser mais recente, podem comparar-se com diversas outras construções de cariz residencial existentes por todo o país – como é caso da moradia em Évora que aqui se exemplifica.

Comparação de alguns projectos de arquitectura de habitação por autores consagrados, pertencentes à urbanização do Conjunto do Bom Sucesso, com outras casas dos mesmos autores noutros locais



Maqueta e obras em curso (in Bom Sucesso)

Todas as 601 moradias do Bom Sucesso, junto à Lagoa de Óbidos, são assinadas por arquitectos famosos

A aldeia dos arquitectos

Josep Full

porque para muitos, como arquitectos, é um lugar especial, o Bom Sucesso. Todas as casas do Bom Sucesso são assinadas por alguns dos maiores nomes da arquitectura portuguesa e internacional: Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, João Luís Carrilho da Graça, Manuel Aires Mateus, António Taveira, Manuel Aires Mateus, António Taveira, Manuel Aires Mateus, António Taveira...

Urbanização do Bom Sucesso, proj. 2004, obras em 2006 (in Expresso 4/6/05; in Expresso 28/1/06)



Álvaro Siza Vieira

Moradias Lotes 1-14

"Nos 14 lotes, cada habitação terá um ângulo diferente apresentando por isso diferentes perspectivas. Em cada habitação, a cozinha localizar-se-á no centro, rodeada pelos 4 quartos, casa-de-banho e garagem. A sala-de-estar, a norte, permitirá uma magnífica paisagem, disposta de abertura igualmente a sul. A piscina, a noroeste, destacada da casa, terá uma visão directa sobre a sala-de-estar. A cobertura ajardinada economizará energia dando maior conforto interior."

Eduardo Souto de Moura

Moradias Lotes 88-125

"As casas são todas pintadas com verde seco, e com o verde da cobertura, o verde do golfe e o verde envolvente as construções, verde mais verde não há."

Moradias Lotes 203-208

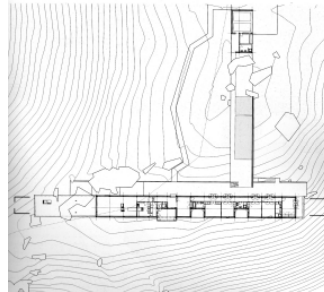
"Nesta encosta virada a Sul, que se debruça sobre o lago, as casas vencerão o acatilhado desnivelado do terreno por meio de dois pisos, e acercam-se do lago acompanhando as suas margens."

João Luís Carrilho da Graça

Moradias Lotes 190-202

"Propõe-se uma ocupação ao longo da periferia dos lotes conformando um grande jardim/terrace control. Desta forma, salvaguardam-se as relações de interioridade e intimidade de cada casa. Garante-se a existência de um grande espaço exterior de fruição, em torno do qual se articulam os distintos espaços da habitação."

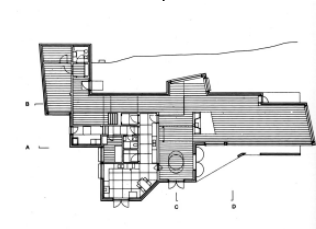
Folheto de vendas (in Bom Sucesso)



Moradia em Cabeço de Vide por João Luís Carrilho da Graça (in Albiero...)



Moradia em Vila Nova de Famalicão por Álvaro Siza Vieira (in Álvaro Siza...)



Moradia perto da junção A1-A6, por Eduardo Souto de Moura

Comentário:

A linguagem da arquitectura moderna, utilizada no contexto contemporâneo de modo crítico, culto e criativo, pelos vários autores dos projectos de arquitectura do Bom Sucesso, permite a construção de habitações unifamiliares que, no vasto conjunto da urbanização resultante, ajudam a amenizar os problemas urbanísticos por resolver: excessiva fragmentação dos espaços privados e públicos; rarefacção dos programas, das áreas e dos equipamentos de uso colectivo com dimensão urbana; extensão excessiva, por repetitiva, do uso da tipologia de jardim/moradia.

Referem-se aqui três exemplos de obras por autores de qualidade reconhecida (seleccionados dentre os muitos autores das moradias deste empreendimento), apresentando-se em comparação com outros projectos de habitações unifamiliares de sua autoria, noutros locais.

Em todas as obras referidas estão presentes os valores essenciais à arquitectura moderna e contemporânea: utilização de tecnologias construtivas actuais, com emprego do betão armado, do ferro e aço, do vidro, além dos materiais orgânicos tradicionais; desenho espacial e volumétrico de cariz abstracto, de criação liberta de regras fixas; ausência de elementos decorativos, uso de coberturas planas (neste caso com revestimento em terra vegetal); implantação procurando uma integração franca e orgânica com o ambiente exterior.

Siza Vieira opta por uma solução em planta mais compacta; Souto de Moura utiliza o sistema de dois pisos e semi-pátios; Carrilho da Graça apresenta uma solução de base tipológica que alterna grandes pátios com os volumes edificados.

Como exemplos de obras de habitações unifamiliares destes autores noutros locais, em contextos de paisagem relativamente semelhantes, e com algum partido projectual análogo, refiram-se: a casa Vieira de Castro, em Vila Nova de Famalicão (de 1984-95), por Siza Vieira, com uma solução compacta em planta (tal como a de Óbidos), e uma nítida procura de articulação com a paisagem natural envolvente; a casa perto da intersecção A1-A6 (dos anos 1990), por Souto de Moura, que surge como um “traço geométrico” de grande simplicidade e clareza, em plena planura estremenha, conjugando o sistema pátio/muro/fachada, num todo unitário e abstracto; e a casa Sousa Ramos, de 1995-2000, por Carrilho da Graça, em que o sentido linear e elegante se conjuga com a geometria da retícula, assente sobre uma paisagem agreste e rochosa

G - Tipologia Infra-Estruturas e Unidades de Paisagem

TEMA 16 - ÓBIDOS E OS AQUEDUTOS DE ARCARIA QUINHENTISTAS

Comparação do Aqueduto da Usseira, em Óbidos, com outros aquedutos do Portugal Quinhentista e do período clássico

 <p>Aqueduto da Usseira (1573-, reparado em 1601; Postal e foto)</p> 	<p>Aquedutos de escala mais modesta, formalmente análogos ao de Óbidos:</p>  <p>1</p>  <p>2</p>	<p>Aquedutos quinhentistas de desenho mais erudito:</p>  <p>3</p>  <p>4</p>  <p>5</p>  <p>6</p>
---	--	---

1. Aqueduto de S. Antão do Tojal, da primeira metade do séc.XVIII (in Loures Tradição...pág.107)

2. Aqueduto da Quinta da Granja do Marquês, Pêro Pinheiro, Sintra

3. Aqueduto de Elvas, ainda de desenho ou expressão tardo-manuelina, de 1537, por Francisco de Arruda

4. Aqueduto da Água de Prata em Évora, por Manuel Pires até 1570 e depois por Afonso Álvares; em 1610, por Diogo Marques (in História da Arte 6, pág.58)

5. Aqueduto de Coimbra, da fase de D. Sebastião (década de 1570)

6. Aqueduto de Pegões Altos, em Tomar, da fase Filipina, finalizado por Pêro Fernandes de Torres (1593-1614) (postal).

Comentário:

O tema do abastecimento de água aos povoados, por meio de obras de construção infraestrutural, para recolha, condução e depósito hídrico, é dos mais antigos e enraizados na paisagem da Europa do Sul. Em Portugal houve uma série de obras assinaláveis levadas a cabo ao longo de Quinhentos, correspondendo à modernização das áreas urbanas encetada nas sucessivas fases Manuelina, Joanina e Sebástica.

É neste ciclo que se pode inserir a obra da Usseira, com uma longa arcaria em pedra, de grande simplicidade formal e estilística, estruturada com arcos de volta perfeita, num conjunto de contornos e efeito paisagístico comparáveis aos dos aquedutos da Granja do Marquês, em Sintra, e de Santo Antão do Tojal, em Loures (este já do século XVIII).

Mais elaborados e eruditos são os aquedutos a seguir referidos, que provam a evolução estilística e construtiva sofrida por esta tipologia na época clássica: a obra de Elvas apresenta um desenho complexo, irregular, com contrafortes cilíndrico-cónicos e arcarias sobrepostas, denunciando a sua concepção manuelina; já as obras de Évora e de Coimbra apresentam ambas arcarias de desenho clássico, com arcos redondos, exibindo marcas de capitel (em Évora) ou volumes escalonados (o de Coimbra) - sendo o de Tomar de duas ordens de arcos sobrepostos. O aqueduto de Óbidos insere-se pois nesta fase clássica, mas com desenho mais simples que os atrás mencionados, sendo aliás contemporâneo do aqueduto de Coimbra. De referir ainda o Aqueduto de Vila do Conde por Felipe Terzi e o Aqueduto de Torres Vedras, este concluído em 1561, e portanto sensivelmente contemporâneo dos restantes.

O tema implica uma articulação com a obra mais vasta de infra-estruturas de abastecimento de água, que na época clássica se traduz na edificação de uma rede de chafarizes – no caso de Óbidos, erigidos dentro da Vila e no seu exterior (no Arrabalde), como se verá em temas de análise seguintes.

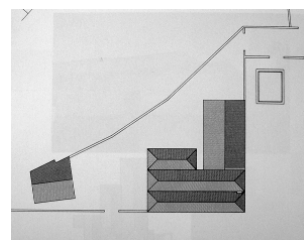
TEMA 17 - ÓBIDOS, OS JARDINS E AS CASAS DE QUINTA

Comparação da Quinta das Janelas com outras casas de quinta dos arredores de Lisboa apresentando idênticos elementos morfo-tipológicos



Quinta das Janelas, nas Gaeiras (conjunto de origem seiscentista e setecentista, com os seguintes elementos notáveis:

- núcleo solarengo de telhados múltiplos, paralelos;
- grande pátio de acesso por portal de desenho clássico;
- frontaria com alpendre coberto colunado e galeria/loggia colunada com azulejaria;
- “casa de caseiro” anexa com frente alpendrada tripartida;
- torreão-mirante de jardim;
- chafariz com frontão e revestimento a azulejaria;
- conjunto de anexos rurais provavelmente oitocentistas (com casa de alambique e chaminé, lagares com canal de água);
- eira de escala monumental;
- a alguma distância, uma “casa das termas”, com linha de água termal (ligada ao próximo convento de S. Miguel, e a mesma fonte de abastecimento das termas das Caldas)



Quinta do Buraco, Cabo-Vialonga, em Vila Franca de Xira (in A Casa Rural...pág.218; com 2 corpos de telhados paralelos, restos de loggia com arcaria de volta redonda na fachada e pátio; fotos e planta geral)





Comentário:

As Casas de Quinta em Portugal representam um dos mais originais e ricos exemplos de articulação coerente entre o conjunto arquitectónico (dimensão estética), o seu contexto de paisagem (dimensão ambiente) e a relação funcional de lazer-produção.

Aperfeiçoado ao longo dos séculos XVI e XVII, possivelmente a partir de modelo defensivo-residencial da “Casa-Torre” senhorial dos séculos anteriores, a Casa de Quinta (ou quinta de lazer e produção), atingiu o seu esplendor ao longo de Setecentos, prolongando-se ainda por todo o romantismo Oitocentista.

No essencial, a Casa de Quinta agrupa de modo orgânico e equilibrado uma série de construções de arquitectura erudita com carácter residencial (com alguma adaptação vernácula e elementos edificados populares e ligados à produção), abrindo-os para áreas definidas de lazer, e para outras, complementares, de produção – com amplo envolvimento paisagístico - jardins, parques, terrenos de plantação (e suas construções de apoio).

Como em vários outros casos sucede, a Quinta da Janelas representa um exemplo muito qualificado desta “tipologia de paisagem”: trata-se

efectivamente de uma unidade paisagística com quase todos os elementos caracterizadores da Casa de Quinta do período clássico em Portugal, representados aqui de forma muito harmoniosa.

Assim, tal como a Quinta do Buraco em Vialonga (que se apresenta para comparação), possui na parte residencial o sistema construtivo de volumes em alvenaria, de forma paralelepípedica, justapostos e cobertos por telhado de quatro águas cada (telhados múltiplos) - solução muito própria de Seiscentos – e a galeria em loggia, definida por arcos de volta redonda, que lhe dá o tomo erudito e italianizante desta época.

Para além disso, apresenta um grande pátio de acesso por portal clássico, alpendre coberto com ligação a escada exterior, revestimentos azulejares - e ainda, fora do casa principal, os elementos notáveis que constituem o chafariz, a casinha de mirante (sobre o muro do jardim), a casa de caseiro com alpendre e escada, a eira, o núcleo de produção rural (alambique, lagar, canais de água, armazéns) e até o pequeno núcleo termal.

Em escala mais modesta, a casa rural tradicional está também muito dignamente representada no concelho de Óbidos, pela Quinta da Pegada, que aqui se compara com a Quinta da Rebelva, em Carcavelos. Em ambas os elementos caracterizadores são: o pátio de acesso com portal, a construção em dois pisos de alvenaria, de forma e proporção aquadrada, com cobertura em 4 águas telhadas, à qual se acede por uma escada exterior em pedra (e que no fundo corresponde ao modelo construtivo definido como tipo 5 no tema da arquitectura vernácula, mas aqui mais desenvolvido e dotado com elementos decorativos eruditos).

Devem referir-se ainda, como arquitectura solarengas rurais qualificadas no concelho de Óbidos, a chamada “**Casa de Óbidos**” (datada de 1727), perto do Arrabalde, com gracioso torreão com cobertura de 4 águas, ladeado com aletas, e, embora hoje situado no exterior da área concelhia, o **Solar dos Melo e Castro**, vasta construção de marcada expressão erudita, com torreão de 4 águas, corpo encimando por coruchéu (na outra extrema do edifício), e ainda um alpendre com escadas de acesso em pedra, o portal com frontão de desenho barroco dando entrada para o pátio, e a capela alpendrada, de feição tradicional, anexa.



“Casa de Óbidos”



Solar dos Melo e Castro



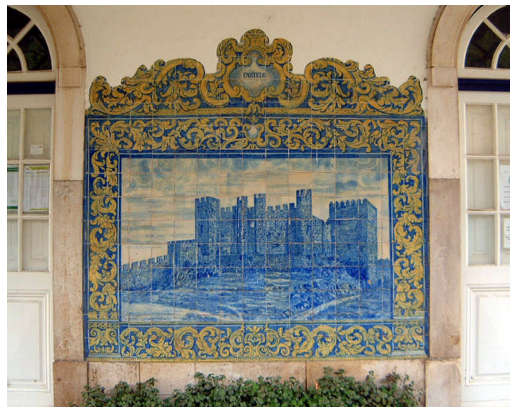
Mais modestas, ma igualmente representativas da quinta rural tradicional no concelho, são a Quinta do Paúl (na Amoreira) e a **Quinta de Baixo ou do Furadouro**, no Olho Marinho.

TEMA 18 - ÓBIDOS E A ARQUITECTURA DO FERRO / FERROVIÁRIA

Comparação dos edifícios e infra-estruturas ferroviárias no concelho com outras unidade análogas do país



Estação de C.F. de Santiago do Cacém



Estação de CF de Óbidos, a sua arquitectura e decoração em relação com outras do país (painéis com imagens dos monumentos locais por José Maria Vitória Pereira, possivelmente dos anos de 1940)



Estação de C.F. de Vilar Formoso



Alpendre em estrutura metálica no cais da Estação de C.F. de Óbidos



Cobertura em estrutura metálica da estação de Alcântara-Terra, em Lisboa



Ponte ferroviária em ferro, de 1933

1. Ponte de uso misto, em estrutura metálica, no Pocinho, Trás Os Montes
2. Ponte ferroviária em Portugal (arquivo CP)



Comentário:

A ferrovia em Portugal, cujo início fez 150 anos em 2006, constitui ao mesmo tempo uma infra-estrutura de base fundamental para muitas regiões do país, e também um conjunto já com dimensão histórica e patrimonial. Isto pela sua extensão, pela quantidade e pela diversidade de edifícios e construções técnicas nela envolvidas.

A estação de Óbidos, o seu cais coberto e o pequeno viaduto metálico da proximidade, inserem-se na Linha do Oeste, a qual, ligando Lisboa-Rossio com a Figueira da Foz (e via Alfarelos, com Coimbra), foi implantada entre 1888 e 1891.

A tipologia construtiva da estação deve assim corresponder à fase Oitocentista tardia desta ferrovia – com um edifício de dois pisos, em alvenaria de pedra, com cobertura em duas águas e as fachadas dotadas dos tradicionais vãos em arco redondo, moldurados com cantaria. Trata-se de um modelo muito corrente quer nesta linha quer noutras suas contemporâneas, com são exemplo os edifícios das estações de Outeiro-Lourinhã e do Bombarral, ambos na Linha do Oeste.

Igualmente o alpendre coberto que prolonga o edifício da estação sobre o cais corresponde ao modelo das estruturas metálicas mais difundido nos finais do século XIX – com uma pequena consola apoiada sobre finos pilares em ferro, de capitel cripto-clássico, permitindo o embarque e desembarque dos passageiros, protegendo-os da chuva ou do sol – e seguindo o tipo de alpendres das várias estações mencionadas. Um exemplo mais desenvolvido desta solução em cobertura construída em “arquitectura do ferro” encontra-se na gare de Alcântara-Terra, em Lisboa, igualmente datando dos anos de 1880-90.

O conjunto decorativo do edifício da estação de Óbidos é constituído essencialmente por painéis de azulejos policromos, figurativos, representando paisagens e monumentos da vila e do seu concelho (identificados como da autoria de José Maria Vitória Pereira, de 1943). Este é um modelo muito difundido por muitas estações do país, em geral independentemente da sua data de construção, tipologia e localização – encontramos estas situações desde o Minho (ex.: estação de Caminha) ao Algarve (ex.: estação de Tavira). Ao que parece, os azulejos de Óbidos terão sido aplicados meio-século depois da construção do edifício.

Aqui compara-se o caso da aplicação de painéis azulejares de Óbidos ao de Santiago do Cacém (num edifício dentro do gosto “Casa Portuguesa”) e ao de Vilar Formoso (num edifício mais ligado ao formulário neo-barroco) – nos três casos, dentro do padrão policromo figurativo e evocativo dos monumentos e paisagens locais.

Finalmente, a “obra de arte” (para utilizar a designação da engenharia) constituída pelo pequeno viaduto metálico, lançado sobre a linha de água, logo a seguir à passagem de nível junto à estação, evoca a existência dos inúmeros viadutos ferroviários pelo país fora, necessários para vencer travessias de rios, de montanhas e vales.

Embora de extensão modesta e relativamente recente (identificado como sendo trabalhado pelas oficinas de Braço de Prata, de 1933), a sua estrutura corresponde genericamente ao modelo de “caixa” metálica, com vigas em perfis triangulados, que se encontra por exemplo da ponte do Pocinho (Trás-Os-Montes), ou em inúmeros viadutos ferroviários sobre o Tejo, o Douro e o Mondego.

H - Tipologia Arquitectura de Produção e Armazenamento, Indústria

TEMA 19 - ÓBIDOS, MOINHOS E INDÚSTRIA

Comparação da arquitectura de panificadoras industriais em desenho de Arquitectura Moderna, dos anos 1950-60 (uso do betão armado, coberturas em arco, com abóbada de betão; grelhas na fachada e *styling* moderno)



“Padaria Club”, Antiga Fábrica Panificadora, anos 1950-60



Panificadora de Chaves, por Nadir Afonso, Chaves, de 1962-1964 (foto in revista Arquitectura e Vida n. 67, de 1/2006, pág.38)



Panificadora “Saipal” de Lourenço Marques, por Pancho Guedes, anos 1950-60

Comentário:

A tipologia arquitectónica das panificadoras em Portugal foi enriquecida na segunda metade do século XX pela obra do artista e arquitecto Nadir Afonso, edificada em Chaves em 1964. Os seus elementos, próprios da linguagem da Arquitectura Moderna do pós-II Guerra Mundial, aplicada à indústria, incluíam o uso diversificado da estrutura em betão armado, com coberturas curvas (as “cascas” em betão) sobre os sectores fabris mais amplos, com grelhas de finos pilares sobre a fachada, suportando palas em consola, além dos vastos envidraçados.

Pertencente a este tipo de construção pode referir-se também a Panificadora “Saipal”, em Lourenço Marques / Maputo, por Pancho Guedes (Amâncio Miranda Guedes), da mesma época histórica, e

também exibindo, aqui de forma mais ousada e original, as estruturas de cobertura em curva, executadas em betão armado, os amplos envidraçados, etc..

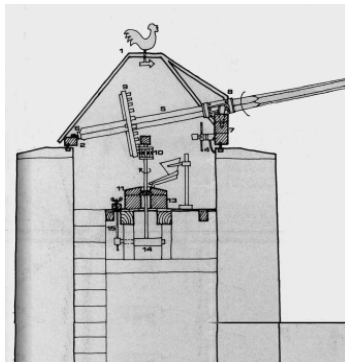
É neste grupo de construções que podemos igualmente inserir a antiga “Fábrica Panificadora”, Hoje a “Padaria Club”, erigida frente ao santuário do Senhor da Pedra. DE facto o edifício ostenta idênticos aspectos de linguagem, de materiais e de desenho, se comparado com as referidas obras de Chaves e de Moçambique: amplas coberturas em curva, finos pilares de betão armado, sob consolas de sombreamento e protecção – e largos envidraçados.

Constituindo obras relativamente raras no panorama nacional, os edifícios industriais modernos para produção de pão merecem uma nova atenção, com a necessária preservação e valorização cultural da sua original função e das suas características construtivas e estéticas.

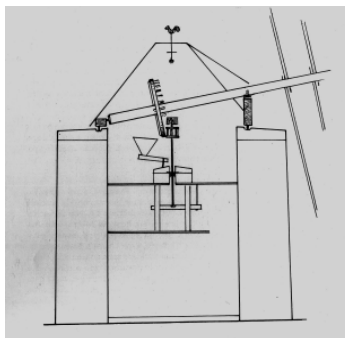
Comparação dos Moinhos de Vento de Óbidos com outros da área da Estremadura, do Alentejo e do Algarve (inscrição dos de Óbidos no tipo Estremenho do “Moinho de Torre de alvenaria e madeira” cf. Veiga de Oliveira)



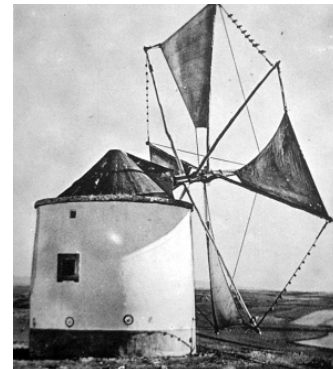
Moinhos na Amoreira e Alto da Usseira



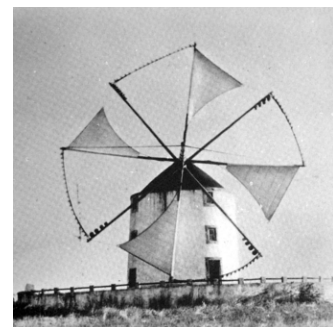
Moinho estremenho (in folheto s/ Amadora, desenho)



Moinho no Alentejo (in Galhano, pág. 85)



Moinho em Alcobaça (in Oliveira... foto pág.284)



Moinho em Peniche (in Oliveira...foto pág.279) (texto geral págs. 279-297)

Enquadramento deste tema com o mapa e quadro tipológico da obra **Arquitectura Popular em Portugal, sobre a Estremadura** (indicando os principais tipos funcionais, em 2 grupos: as arquitecturas da Produção e do Território (nomeadamente moinhos e capelas), e a arquitectura habitacional)



Comentário:

Os moinhos de vento correspondem ao tipo mais antigo, tradicional e enraizado, de construção fabril existente na área da Estremadura (o “moinho de torre”, em alvenaria e madeira), e os bons exemplos existentes em Óbidos (alguns deles recuperados, como na Amoreira) inserem-se claramente nesse grupo construtivo e funcional.

Trata-se de construções em alvenaria de pedra, com espessas paredes, de planta e corpo cilíndrico (mais rigorosamente, ligeiramente tronco-cónico), nas quais se rasgam pequenas aberturas (porta e janela). O seu sistema de cobertura, em madeira e de forma cónica, adaptável na posição para melhor aproveitar o vento, por meio de rotação sobre as paredes cilíndricas, suporta toda a estrutura, eternamente saliente, e necessária para movimentar as velas.

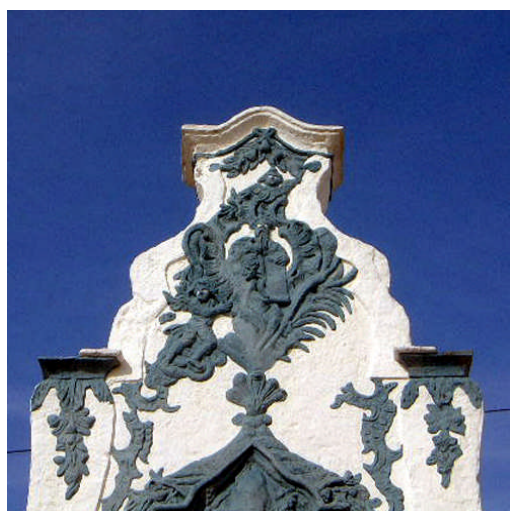
Pode fazer-se aqui a analogia entre este sistema construtivo, com a sua expressão arquitectónica própria, e as casas populares de dois pisos estremenhas, pois a ambos – casas e moinhos – é comum o sistema de paredes espessas em alvenaria de pedra, caiadas, bem como a presença de vãos de pequena dimensão, moldurados a pedra. E ambos constituem volumes “pesados”, brancos e luminosos, na paisagem de Óbidos.

Apenas, enquanto as casas populares assumem a forma rectangular ou quadrada para melhor servir a função habitacional, com a sua compartimentação interna específica, já os moinhos representam claramente uma adequação “circular” às questões colocadas pela resistência dinâmica ao vento e ao movimento dos velames.

I - Tipologia Mobiliário Urbano e Elementos Isolados

TEMA 20 - ÓBIDOS, A ARQUITECTURA DA ÁGUA E AS “OBRAS DE MASSA”

Comparação de chafarizes com baixos relevos decorativos em massa, incluindo motivos florais, antropomórficos ou animais, com outras obras nacionais e internacionais



Chafariz Joanino no terreiro do Senhor da Pedra

1. Casa das Figuras (Horta dos Macacos, em antiga quinta de Faro)
2. Celeiro de S. Francisco, em Faro (in Faro...pág.90)
3. Pórtico do Forte de S Jerónimo em Damão



Chafariz da Quinta da Pegada, com obra de massa

4. Ornatos e Figuras em revelo da Casa de Fresco e Tanque do jardim da Quinta dos Aciprestes em Oeiras, da segunda metade do séc.XVIII (in Fernandes...Imagens, pág.139)



1



2



3



4

Comentário:

A chamada “obra de massa”, correspondendo a relevos decorativos moldados, aplicados em superfícies arquitectónicas exteriores, tem historicamente servido para valorizar edifícios e infra-estruturas de um modo acessível, com recursos modestos mas clara eficácia visual – uma espécie de “arte povera”, muito generalizada desde o Barroco, e com especial incidência em Portugal durante o século XVIII.

A aplicação dos relevos decorativos no Chafariz Joanino do Senhor da Pedra, de grande fogueira “rocaille”, corresponde em Óbidos e esta tradição da “obra de massa”; de um modo mais discreto, a mesma aplicação surge na fonte e tanque da Quinta da Pegada, com o preenchimento, por relevos em massa, dos nichos e muros dessa peça no jardim da quinta.

Dentre as várias exemplificações possíveis, devem destacar-se algumas obras no Algarve (precisamente uma área do país com recursos limitados mas que culturalmente soube tirar partido dos relevos em massa), como as famosas figuras fantásticas representadas na empena da Horta dos Macacos, na Casa das Figuras em Faro (hoje integrada na área do Teatro Municipal), ou os grandiosos relevos antropomórficos do chamado Celeiro de São Francisco, construção octogonal do antigo recinto conventual, também em Faro.

Nos muros que encimam a “Casa de Fresco” da antiga Quinta dos Aciprestes, em Oeiras, encontramos um caso mais directamente relacionável com os chafarizes de Óbidos, pois aí os relevos em massa decoram também com motivos florais e figurativos os antigos tanques de água.

Finalmente, encontramos exemplos de relevos com grande monumentalidade, na antiga Praça de Damão, da histórica Índia Portuguesa: trata-se das duas figuras antropomórficas (os “gigantes”) que ladeiam a entrada no Forte de São Jerónimo em Damão Pequeno (a norte de Bombaim).

Comparação de chafarizes de desenho maneirista-clássico ou neo-clássico do concelho com outras obras em Lisboa



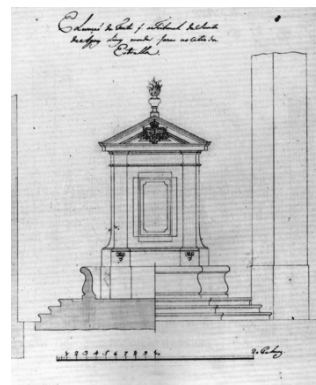
**Chafariz da Praça
(com frontão
triangular, ligado ao
aqueduto, do sec.
XVII)**



**Chafariz do Poço
(1792, obra neo-
clássica de D. Maria,
com frontão
triangular aberto)**



**Chafariz da Biquinha,
no Arrabalde (de
expressão
vernacular, as suas
linhas simplificam o
do Poço)**



Projecto de Chafariz para o Campo de Santana, Lisboa, de 1789 (in D.João V..., desenho 141 na pág.143, com frontão triangular)



Projecto do Chafariz da Estrela. Lisboa por Reinaldo Manuel, com frontão triangular (in D.João V.... desenho 128 pág.134)

Outros chafarizes e obras arquitectónicas da “arquitectura da água”



Chafariz na praça Azeredo Perdigão, Amoreira, com inscrição (O.P. 1886) e Mina de água (um volume cilíndrico em pedra, com corpo de acesso encastrado, com fonte próxima) na Amoreira.

Comentário:

A tradição das obras infraestruturais de abastecimento de água tem diversos reflexos na arquitectura que as serve: já aqui foram referidos os aquedutos, bem como as obras de massa em chafarizes setecentistas.

Também se podem mencionar os chafarizes de feição arquitectónica clássica, ou neo-clássica (dos séculos XVII e XVIII), existentes em Óbidos, como representativos de um tipo de obra pública muito característica.

O exemplo do chafariz da Praça central de Óbidos intramuros, seiscentista, exhibe a sua solução arquitectónica muito própria do desenho maneirista-barroco, com o frontão triangular encimando o conjunto da tanque, e moldurado por aletas; já o chafariz de D. Maria, no Arrabalde da vila, representa em fins do século XVIII a transição do barroco para o neo-classicismo, com o seu frontão quebrado moldurando as armas reais no relevo central. Os exemplos de comparação – os projectos para o campo de Santana e para a Estrela, também dos finais de Setecentos, demonstram com o seu frontão triangular a mesma vontade de regresso a uma “ordem segura e estável”, que norteou a fase do neo-classicismo.

Novembro de 2006

José Manuel Fernandes / Maria de Lurdes Janeiro - Arquitectos

Elementos complementares

Bibliografia e Cartografia (geral e específica para o concelho, dentro da área de Património/Arquitectura/Urbanismo/História)

C - BIBLIOGRAFIA / CARTOGRAFIA SOBRE ÓBIDOS

(as obras referenciadas com * assumem especial interesse)

1 - Obras Gerais (serão utilizadas sobretudo na fase de aprofundamento do estudo, em análises sectoriais e comparativas)

* AA VV – **Arquitectura Popular em Portugal**: Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1961 (vol. 2, Zona 4, a cargo de Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias, págs.37-39 s/ Adagorda e Praça de Óbidos, e outras, com desenhos)

(À) **Descoberta de Portugal**: Selecções do Reader's Digest, Lisboa, 1982 (págs. 282-283)

AeroGuia do Litoral / Portugal: Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2000 (págs.96-97, ref. a Lagoa de Óbidos)

- Alarcão, Jorge de – **A Cidade Romana em Portugal. Renovação Urbana em Portugal na Época Romana**, in Cidades e História: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1987, págs.73-128

- Alarcão, Jorge; Etienne, R; Golvin, J-C – **A Maqueta do Centro Monumental Flaviano / La Maquette du Centre Monumental Flavien / Conimbriga**: Instituto Português de Museus / Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga, 1994

- Albiero, Roberta; Simone, Rita – **João Luís Carrilho da Graça / Opere e Progetti**: Electa, 2003

- Almeida, General João de – **Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses**, vol. II, Distritos de Aveiro, Leiria e Santarém: Lisboa, ed. do Autor, 1946 (não consult)

- **Álvaro Siza / Obras e Projectos** (catálogo de exposição, editado por Pedro de Llano e Carlos Castanheira): Electa, 1996

- Amaral, Francisco Pires Keil do (coord.) – **Lamego / Evolução do Tecido Urbano Junto às Muralhas do Castelo**, Lisboa, 1978 (policopiado, para a DGEMN e SEA)

- **Atlas de Arquitectura, 1 e 2**: Alianza Editorial, Madrid, 1984 e 1985 (coord. Werner Muller e Gunther Vogel)

- Balesteros, Carmen - **Das Sinagogas da Antiguidade às Sinagogas Medievais Peninsulares: Origens e Percursos de uma Instituição**, in Guarda História e Cultura Judaica (catálogo de exposição, coord. Maria Antonieta Garcia): Museu da Guarda / Câmara Municipal da Guarda, Guarda, 1999

- **Bibliografia das Monografias Locais –I** / Síntese temática das Artes e Ofícios Tradicionais: Ministério da Educação / Projecto Artes e Ofícios Tradicionais. Lisboa, 1990 (coord. Carlos L. Medeiros)

_ Caldas, João Vieira – **A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII**; FAUP Publicações / Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 1999

- Chicó, Mário T. – **A Arquitectura Gótica em Portugal**: Livros Horizonte, Lisboa, 1981, 3ª. edição (1ª. edição 1954) (c/ planta de N.S. da Conceição em Vila Viçosa, idêntica a S. Maria de Óbidos)

- **Conimbriga. Roteiro do Museu e das Ruínas**: Museu Monográfico de Conimbriga, 1979

- Correia, José E.Horta – **A Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600**: Publicações Ciência e Vida, Lda, Lisboa, 1987 (com três interiores de igrejas colunárias em estilo toscano, como S. Maria de Óbidos: N.S. da Graça de Moncarapacho, Matriz de Lagoa, Matriz de São Brás de Alportel, Sé de Faro) (as 2 primeiras de cerca de 1560-70, 5 tramos de colunas)

- Dias, Pedro – **A Arquitectura Manuelina**: Livraria Civilização, Porto, 1988

- **Dicionário da Arte Barroca em Portugal**: Editorial Presença, Lisboa, 1989 (dir. José Fernandes Pereira; coord. Paulo Pereira; entrada sobre Rodrigo Franco, pág.198, por Horácio Bonifácio)

- **D.João V e o Abastecimento de Água a Lisboa** (catálogo de exposição): Câmara Municipal de Lisboa, 1990

- **Faro/ Edificações Notáveis**: Câmara Municipal de Faro, 1995

- Fernandes, José Manuel; Constâncio, Raul – **Imagens de Oeiras**: Câmara Municipal de Oeiras, Lisboa, 1996

- Fernandes, José Manuel; Janeiro, Maria de Lurdes – **Arquitectura Vernácula da Região Saloia – Enquadramento na Área Atlântica**: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1991

- Galhano, Fernando – **Moinhos e Azenhas de Portugal**: Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos, Lisboa, 1978 (sobre moinho estremenho, pág. 85 e desenho anexo)

- Gaspar, Jorge – **A Morfologia de Padrão Geométrico na Idade Média**. In Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia, vol.IV, n.8, Lisboa, 1969, págs.198-215

* - Gil, Júlio; Cabrita, Augusto – **As Mais Belas Vilas e Aldeias de Portugal**: Editorial Verbo, Lisboa, 1984 (págs. 176-179, com desenhos de fornos e foto do chafariz joanino)

- Gomes, Paulo Varela – **Arquitectura, Religião e Política em Portugal no Século XVII / A Planta Centralizada**: FAUP Publicações, Porto 2001
(com fotos de capelas de plantas hexagonais)

- **Guia de Portugal II / Estremadura / Alentejo / Algarve**: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983 (s/ Óbidos, por Raul Lino, págs. 587-601) (cf. 1.^a edição por Biblioteca Nacional de Lisboa, 1927)

- **Guia de Portugal Vol. 5.^o / Trás Os Montes e Alto Douro / II - Lamego, Bragança e Miranda**: Fundação Calouste Gulbenkian, 3.^a edição, Lisboa, 1995

- Haupt, Albrecht – **A Arquitectura do Renascimento em Portugal**: Editorial Presença, Lisboa, 1986 (pág. 195 c/ desenho da Igreja S. João Baptista em Tomar, com torre em pirâmide octogonal, como S. Maria de Óbidos, cuja fachada poderia ter sido similar no início do sec.XVI)

- **História da Arte em Portugal / Volume 6/ O Renascimento**: Publicações Alfa, Lisboa, 1986 (coord. Dagoberto Markl) (imagem aqueduto de Évora)

- **História da Arte em Portugal/ Volume 7/ O Maneirismo**: Publicações Alfa, Lisboa, 1986 (coord. Vítor Serrão) (texto págs.108-110, por Horta Correia, sobre igrejas colunárias dos anos 1560-70, com Santa Maria de Óbidos)

- **História da Arte em Portugal/ Volume 8/ O Limiar do Barroco**: Publicações Alfa, Lisboa, 1986 (coord. Carlos Moura) (com imagens de capelas hexagonais em Aveiro, Vila da Feira, Ericeira)

- Larcher, Jorge das Neves – **Castelos de Portugal. Distrito de Leiria**: Imprensa Nacional de Lisboa, 1933 (não consult)

- **Loures Tradição e Mudança. I Centenário da Formação do Concelho 1886-1986**: Câmara Municipal de Loures, Loures, 1986

- **Manuelino / À Descoberta da Arte do Tempo de D.Manuel I**: Civilização Portugal, 2002 (coord. Flávio Lopes, dir. Pedro Dias)

* - Marques, A.H. de Oliveira; Gonçalves, Iria; Andrade, Amélia Aguiar – **Atlas das Cidades Medievais Portuguesas**: Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1990 (ficha sobre Óbidos, c/ mapa págs.61-63)

- **Milreu. Ruínas. Roteiros da Arqueologia Portuguesa**: IPPAR, s/d

- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa / V volume /Lisboa / Primeiro Tomo**: Junta Distrital de Lisboa, Lisboa, 1973 (com foto do Palácio do Marquês de Tancos)

- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa / V volume /Lisboa / Segundo Tomo**: Junta Distrital de Lisboa, Lisboa, 1975 (c/ S. Pedro de Alcântara franciscano, como S. Miguel das Gaeiras)

- **Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa / V volume /Lisboa / Terceiro Tomo:** Assembleia Distrital de Lisboa, Lisboa, 1988 (c/ chafariz e praça das Janelas Verdes, desnivelada como praça de Óbidos)

- **Oceanos, revista:** Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, n.1, 7/1989 (fotos da Igreja de São João da Foz, de capela mor hexagonal)

- Oliveira, Ernesto Veiga de; Galhano, Fernando; Pereira, Benjamim – **Sistemas de Moagem. Tecnologia Tradicional Portuguesa:** Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa, 1983 (pags. 279-297 sobre moinho fixo em pedra e em madeira, a sul do Mondego, Estremadura, Alentejo e Algarve)

- **Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado:** IPPAR, Lisboa, 1993 (II volume, págs.40-45)

- **Património Cultural Construído. Concelho de Loures:** Câmara Municipal de Loures, Loures, 1988

- Proença, Raul: **As Estradas de Portugal / A Estrada de Lisboa ao Porto** vol.3: Lello & Irmão – Editores, Porto, s/d (págs. 13-14 ref a Óbidos)

- Quintão, José César Vasconcelos – **Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico. Uma Sistematização Classificativa:** FAUP Publicações / Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2005

- Reis, Humberto; Chico, Mário Tavares – **A Arquitectura Religiosa do Alto Alentejo na Segunda Metade do Século XVI e nos Séculos XVII e XVIII:** Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa, 1983 (igreja matriz de Vila Viçosa, com planta, com escala, cf. S. Maria de Óbidos; igreja do Senhor Jesus da Pobreza, Évora, com capela-mor hexagonal, como Senhor da Pedra)

- **Relatório da Actividade do Ministério das Obras Públicas no ano de 1950:** M.O.P., Lisboa, 1951 (não consult)

- **Relatório da Actividade do Ministério das Obras Públicas no ano de 1952:** M.O.P., Lisboa, 1953 (não consult)

- **Relatório da Actividade do Ministério das Obras Públicas nos anos de 1957 e de 1958:** M.O.P., Lisboa, 1959 (não consult)

- Sabugosa, Conde de – **O Paço de Sintra:** Lisboa, Imprensa Nacional, Lisboa, 1903 (reimpressão pela Câmara Municipal de Sintra, 1989-1990) (com desenho da porta da sala das Pegas, pág.161, cf. porta da pousada do Castelo de Óbidos, com 8-9 lóbulos no arco)

- Saramago, José – **Viagem a Portugal:** Círculo de Leitores, Lisboa, 1981 (págs. 165-166)

- Sequeira, Gustavo de Matos – **Inventário Artístico de Portugal, vol. V** (Distrito de Leiria): Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1955 (não consult.)

- Silva, José Custódio Vieira da – **Paços Medievais Portugueses**: IPPAR. Lisboa, 1995

- **Tesouros Artísticos de Portugal**: Selecções do Reader's Digest: Lisboa, 1976 (coord. José António Ferreira de Almeida) (págs.413-417)

- Vasconcelos, J. Leite de – **Etnografia Portuguesa / Tentame de Sistematização**. Volume VI: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa, 1975 (na capítulo s/ “Elementos Materiais para a Subsistência, Comodidade e Regalo Físico do Homem; costumes corretivos. 1. Habitação”, págs.151-321, a p. 228 é s/ as “Casas do Concelho de Óbidos”)

Viterbo, Sousa – **Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos e Construtores Portugueses / Volume II**: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Lisboa, 1988 (cf. edição 1904) (desenhos da igreja de S Catarina dos Livreiros, como planta de Santa Maria de Óbidos)

2 - Obras Monográficas ou Específicas (com a informação essencial sobre o património construído concelhio)

AA VV – **Linha do Oeste / Óbidos e Monumentos Artísticos Circundantes**: Assírio & Alvim, Lisboa, 1998

Abreu, Madalena Fernandes de – **Monografia de Óbidos**: Ourém, 1980 (não consult.)

- **Baltazar Gomes Figueira (1604-1674) / Pintor de Óbidos** “que nos paizes foi celebrado” (catálogo de exposição): Câmara Municipal de Óbidos, 2005 (coord. Jorge Estrela / Sérgio Gorjão/ Victor Serrão) (com desenho em perspectiva geral da vila)

- Botelho, Joaquim da Silveira – **Óbidos-Vila Museu**: Câmara Municipal de Óbidos, 1996 (não consult)

- Câmara, Teresa Bettencourt da – **Óbidos / Arquitectura e Urbanismo / Séculos XVI e XVII**: Câmara Municipal de Óbidos / Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1990 (a partir de Tese de Mestrado de 1986)

- **Castelo de Óbidos. Boletim da DGEMN ns.68-69**: Ministério das Obras Públicas, Lisboa, Junho/ Setembro de 1952

- Evangelista, João – **A-Dos-Negros – Uma Aldeia da Estremadura**: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1962 (cap. “A Casa e a Família” refere as tipologias das habitações com plantas esquemáticas, págs.61-71)

- Henriques, Pedro Castro; Cunha, Rui - **Óbidos, um Convite ao Olhar**: Lisboa, 1995 (não consult)
- Gorjão, Sérgio – **Santuário do Senhor da Pedra / Óbidos**: Edições Colibri, Lisboa, 1998
- Gorjão, Sérgio - **Senhor Jesus da Pedra - Guia do Núcleo Museológico**: Óbidos, 1997 (não consult)
- **Igreja de Sta Maria de Óbidos**. Boletim da DGEMN n.58: Ministério das Obras Públicas, Lisboa, 1949
- **Memórias Históricas e Diferentes Apontamentos, Acerca das Antiguidades de Óbidos...** (c. 1850): Câmara Municipal de Óbidos, 2001 (coord. João Trindade, 1985)
- Moreira, José Beleza – **Cidade Romana de EBURORITTIUM / Óbidos**: Mimesis – Multimédia Lda, Porto, 2002
- **Óbidos, Museu de Portugal**: Caldas da Rainha, Tipografia Caldense, 1937 (não consult)
- Pedras, Hernâni J. Leal e outros – **Óbidos, Passado e Futuro**, in I Encontro Ibérico de Municípios com Centro Histórico, 1992 (actas): Santarém, 1994 (não consult)
- Pereira, A.P.S.V., 1988 (?)
- Pereira, José Fernandes – **Óbidos**: Presença, Lisboa, 1988 (colecção Cidades e Vilas de Portugal) (não consult.)
- Pereira, José Fernandes – **O Santuário do Senhor da Pedra**: Câmara Municipal de Óbidos, 1988 (não consult)
- Perpétua, M.G. , 1951 (?)
- Quarta (4^a.) ENA - Exposição Nacional de Arquitectura”, AAP (catálogo de exposição), s/d c. 1995, com “Plano Geral de Urbanização da Vila de Óbidos” (Proposta das “Portas de Óbidos”), por João Sousa Morais, José Luís Loureiro, João Pedro Rosado, Carlos Penim Loureiro, in, pág.39
- Rodrigues, Margarida Sara – **Óbidos, Recantos do Tempo**: Lisboa, 1988 (não consult)
- Santos, Maria Helena Ribeiro dos – **Proposta de Classificação duma Casa de Lavrador do século XIX Existente junto à Porta da Vila, em Óbidos** (relatório policopiado, Outubro de 2003)
- Silva, C. – 1961 (?)
- Silva, B.V. (sobre freguesia do Vau) – 1958 (?)

- Silva, Manuela Santos – **Estruturas Urbanas e Administração Concelhia – Óbidos Medieval, Patrimonia Historica**: Cascais, 1997 (não consult) (rel. com tese de mestrado da UNL 1987)
- Silva, Manuela Santos – Espaço Defendido e Estruturas de Defesa em Óbidos durante a Idade Média. In **A Região de Óbidos na Época Medieval. Estudos: Óbidos**, 1994 (págs. 19-31) (Património Histórico / Grupo de Estudos)
- Trindade, J. – 1985 (?)

3 - Obras Cartográficas (impressas e disponíveis na internet)

A cartografia recente sobre a área do Concelho de Óbidos encontra-se nos seguintes registos cartográficos, e respectivas escalas:

- **Serviço Cartográfico do Exército – esc. 1/250.000**

- **Instituto Geográfico e Cadastral – esc. 1/200.000 (folha 5, Estremadura, Região de Lisboa e Ribatejo)**

- **Instituto Geográfico e Cadastral – esc. 1/100.000 (folha 26, da Nazaré a Rio Maior e Peniche)**

- **Instituto Geográfico e Cadastral – esc. 1/50.000 (folha 26-D, incluindo as Caldas da Rainha e Óbidos)**

- **Serviço Cartográfico do Exército – esc. 1/25.000 (inserida na Carta Militar de Portugal, folha 338, editada em 1970, actualizada e consultável no site respectivo da Internet)**. Esta carta compreende a quase totalidade da área concelhia, com as localizações dos elementos patrimoniais recolhidos. Além desta carta, abrangem ainda pequenas porções da área concelhia as seguintes cartas do S.C.E.: 325-A (troço da costa Oeste), 326 (zona Sul e Oeste da Lagoa de Óbidos), 327 (porção de território a Norte), 337 (área territorial a Oeste) e 339 (porção de território a Este).

NOTA: a cartografia a 1/25.000 do SCE foi a base cartográfica para o levantamento incluído neste estudo, na localização das espécies registadas em toda a área rural concelhia, bem como dentro dos seus povoados e aldeias.

- **Centro Histórico de Óbidos / Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais / D.S.I.D. – esc. 1/2000** (estudo realizado em 2003, constitui a base cartográfica para o levantamento incluído neste estudo, no que se refere ao núcleo de Óbidos intramuros, e à respectiva localização das espécies registadas)